

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

S umário:

REDAÇÃO

Um livro para os mestres

COLABORAÇÃO

J. BAPTISTA SANTIAGO — *A divulgação dos ideais da escola renovada*

MARIO MATOS — *Aforismos Pedagógicos*

ALICE DE ANDRADE SANTIAGO — *O professor e a educação da criança*

LEVINDO LAMBERT — *Classificação dos alunos*

MARIO MENDES CAMPOS — *A medicina preventiva como ciência de prolongar a vida*

FREITAS GUIMARÃES E OLAVO BILAC — *Saudação às árvores* (Poesia musicada)

MARIO CUNHA — *O ensino primário em Minas-Gerais*

IRENE LUSTOSA — *Interesses infantis revelados por um catálogo de livros*

WALDEMAR PRADO — *Resposta a uma pergunta*

LUIZA OLIVEIRA DE FARIA — *A excursão na escola primária*

MARIA JOSÉ DE MELO PAIVA — *Socialização da escola*

NOTICIÁRIO

A prática do ensino nas escolas normais

Centro Latino-americano de Bibliotéca

O ensino primário em São Paulo

O ensino primário no Acre

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA E PROCURATÓRIOS

Carlos da Cunha Corrêa e Carlos Alberto Corrêa

Encarregam-se de todos os serviços perante Reparações públicas estaduais, especialmente o processado de aposentadoria consoante o novo Decreto.

Remetem antecipadamente os vencimentos de constituintes permanentes, de acordo com as normas estabelecidas pelo escritório.

PEÇAM PROSPECTOS

Rua Santa Catarina, 478 — Belo-Horizonte

ASSINATURA DA «REVISTA»

Ano 24\$000

Semestre 12\$000

Número avulso, 2\$000

Coleção de um ano. 25\$000

Os pedidos devem ser enviados á Diretoria da «Revista do Ensino», na Secretaria da Educação e Saúde Pública, Belo-Horizonte

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Um livro para os mestres



O dr. Noraldino Lima, Secretário da Educação e Saúde Pública deste Estado, acaba de publicar mais um livro, — “O Momento Pedagógico”.

S. Excia. reuniu nessa obra dezoito de seus melhores discursos, precisamente aqueles que tratam mais de perto os assuntos referentes á educação.

Esse livro, além de estar cheio da alma do artista, que ali deixou encantamento e poesia, na beleza das imagens e na doçura rítmica de seu estilo, — é também um admirável repositório das últimas páginas da História do Ensino em Minas-Gerais, marcando com justiça uma época que se assinala pelas realizações ascendentes da escola educativa entre nós, e, ao mesmo passo, evidenciando — em fatos e números, — o trabalho construtivo, a técnica segura e a vontade firme a serviço da coletividade, características de uma administração que, por si só, pode ser o padrão dignificador de um governo.

É um livro cheio de fé, um livro de esperança e de amor. Fé e esperança nos destinos de nossa terra, amor ao mestre, — em cujas mãos o autor vê aqueles destinos. E para logo se evidencia que há muita sinceridade nessas páginas, em que o professor mineiro aparece glorificado por quem se diz orgulhoso de haver ocupado a cátedra de mestre.

Realmente, só um mestre, e um grande mestre moderno, seria capaz de escolher assuntos de tanta atualidade pedagógica como os que formam a tessitura de discursos como este que para aqui transcrevemos.

Li em Manuel Bernardes que nos banquetes antigos era estilo ir passando de mão em mão, à roda de todos os convidados, um florido ramo de murta, símbolo da alegria.

Quem recebia o ramo era obrigado a cantar alguma cantiga festival.

Sois, senhoras diplomandas, as convidadas dêste banquete da inteligência. Se não há, materialmente, um ramo de murta correndo, entre vós, de mão em mão, há, sem dúvida, sentimo-lo todos, um canto íntimo, imaterial, sacudindo e sonorizando as vossas almas.

A mesa está posta. Assentai-vos e conversemos um pouco.

Antes de tudo, quero agradecer-vos o prazer do convite para vosso comensal, neste ágape magnífico. Si não sou aqui um intruso, porque fui convidado, não serei também um desmancha-prazeres, porque é muito conhecido o meu hábito de ter para as horas como esta só palavras suaves e pensamentos singelos.

Nada de temas complicados, nada de palestras pedagógicas: dessa iguaria deveis estar bem alimentadas. Fiquem-nos a sobremesa e um golito de vinho leve e generoso, dêsses que conduzem para a alegria sã e para a verdade pura. . .

Terminastes o vosso curso; recebestes o vosso diploma.

Foi isto um bem ou foi um mal? Do ponto de vista do meio escolar, estou sentindo em vossa atitude que foi um mal. As saúdes já andam, dentro de vossos corações, desfilar numa ronda tão triste. . . e se já lêstes — lêstes por certo — a história dos deuses e dos heróis lendários, estais verificando agora que Orfeu não é um símbolo esquecido nas correntezas da vida: há de fato liras quebradas, no naufrágio dos dias, e almas que gemem ao bólêu das águas sussurrantes. . .

Do ponto de vista do ensino, vossa formatura é um bem, um grande bem, porque hoje, mais do que nunca, o Estado de Minas está convocando o seu professorado de eleição e as energias moças que começam, para a obra, apenas esboçada e já realidade tangível nos domínios da educação em nossa terra.

A reforma que aí temos, feita para a capacidade de assimilação de nossas professoras — as mais dedicadas e inteligentes que é dado à coletividade possuir — é uma grande oficina, de máquinas novas e modernas, capazes do mais perfeito rendimento.

Acontece, porém, que algumas ainda não foram montadas — como as escolas de dêbeis, a assistência aos anormais, as escolas complementares, etc. As outras estão funcionando admiravelmente, mas, para que o lucro visado pelos que industrializaram no bom sentido a ação e a cultura do magistério mineiro seja certo e compensador, faz-se mister aumentar o número de operários hábeis, consagrados ao officio e, sobretudo, enérgicos — de corpo e de espirito.

E' de ver, pois, o dobrado contentamento com que — Secretário da Educação e vosso paraninfo — tomo parte, como disse, neste festim da inteligência e recebo, por isso mesmo, o ramo de murta de vossas mãos e convôscos misturo o meu canto íntimo de entusiasmo.

Não é um entusiasmo vulgar o meu, como não o deve ser o vosso. O entusiasmo no ensino há de ser, por força, um entusiasmo autêntico — não como os santelmos fugazes que a atmosfera eletrizada condensa no mastro dos navios, entre a ameaça do vento e a surpresa das núvens — mas, como no velho mito de Moisés — um entusiasmo fogo eterno semelhante àquela sarça milagrosa que ardia sem se consumir.

Quereis uma prova dêste calor contagiante, que é o segredo do triunfo esplendente da escola nova?

Vou pedi-la emprestada a um dos vinte Grupos Escolares da Capital, (1) todos êles porfiando, com êxito pleno, na realização do ensino, consoante os processos e métodos inscritos como última palavra no aparelho educacional de nosso Estado.

(1) A Capital possui hoje 24 grupos escolares e duas escolas reunidas.

Visitando, há pouco, o Grupo "Olegario-Maciel", de Belo-Horizonte, encontrei um precioso caderno de trabalho coletivo, que eu poderei intitular: "De como se faz uma horta".

Ora, — pensareis — que coisa vulgar vem dizer-nos o nosso paraninfo. Pois escutai e tereis remorso por terdes pensado assim, se é que assim pensastes.

Consta dos exercícios firmados pelos alunos Marcos Menezes e Eduardo Staino ter, no dia 8 de julho dêste ano, a lição da professora daquele Grupo, Francisca Teixeira Neves, versado sôbre um ponto de botânica.

"Hoje — escreve o primeiro aluno — tivemos uma idéia magnífica quando nossa professora estava nos explicando a utilidade das plantas: tivemos a idéia de fazer uma horta e o resultado do que vendêssemos seria entregue à "Caixa Escolar" para a compra de livros e lápis para os pobres. Neste mesmo dia mandámos um ofício a d. Vitalia, pedindo-lhe permissão para fazer a horta".

O aluno Eduardo Staino escreveu ter compreendido que "a terra estava ali à toa" e que "as árvores nos prestam muitos serviços" e "as verduras são boas também para nos engordar e dar fôrça".

Obtida a licença da diretoria, começaram por medir a terra e voltaram à sala de aula para fazer a planta da futura horta. Verificaram então que não tinham tomado certas as medidas, e por isso a planta saíra errada. Tornaram ao pátio, agora com a professora, e, sob suas vistas, mediram de novo o terreno, e desta vez tudo saiu bem.

A professora deu, então, como exercício, o estudo da planta em comparação com o terreno todo do pátio. Dividido êste ao meio pelos alunos, ficou cada metade entregue a uma classe.

"A melhor planta — escreve Luci Sales — foi a do João Bernardino. Foi por ela — continua Luci — que dividimos a terra em oito canteiros, ficando quatro para nossa sala e quatro para classe de d. Etelvina".

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELO HORIZONTE



Grupo "João Pessoa" — Terreno da horta

No dia 18 de julho começaram a horta. Diz o aluno José Alberto Noronha que "o trabalho esteve animado", feito sob os cuidados das professoras Francisca Teixeira Neves e Maria Taranto Lopes. "Enquanto Emilio — prossegue José Noronha — trabalhava com a picarêta, Moacir e M. Trindade desmanchavam os torrões, Modesta e eu regavam a terra para amolecer e os outros continuavam a traçar os outros canteiros".

A idéia, como se vê, ia em boa marcha; as crianças precisavam, entretanto, de ver um modelo de horta e foram, por isso, em excursão, ao Instituto "S. Rafael", êsse vitorioso estabelecimento de educação para cegos, onde um pequeno retângulo de terra bem tratada opera o milagre de fornecer verdura farta às dezenas de ceguinhos ali recolhidos para a luz da vida interior e do trabalho que irá restituí-los — homens úteis e mulheres laboriosas — à família e à sociedade.

"Recebidos pelo diretor, professor José Donato da Fonseca — escreve José de Sales — êle nos levou à horta. Antes, porém, passámos pela capela. Encontrámos na horta o hortaleiro, que nos deu esplêndidas explicações sobre o preparo da terra, a ocasião em que plantam alface, almeirão, repólho, etc. Uma de nossas colegas, vendo cascas de ovos em cima do canteiro, teve a curiosidade de perguntar o que significava aquilo. O hortaleiro respondeu-lhe que aquilo era para atrair as borboletas para não pousarem nas couves e não depositarem nelas os seus ovos que depois se transformam em lagartas que estragam as ervas.

O diretor, entusiasmado com as nossas perguntas, ofereceu-nos mudas de couve, alface e almeirão. Nós lhe agradecemos e dissemos que as mandaríamos buscar logo que o nosso terreno estivesse preparado.

Depois de percorrermos todo o estabelecimento, nós nos retirámos, trazendo ótima impressão daquele Instituto".

E a horta, após essa visita, continuou. Arranjaram uma enxada e conseguiram uns poucos tijolos. Fizeram o rebôco e construíram alguns canteiros.

O diário de 25 de julho regista a plantação de um pudão de feijão, para, em setembro, segundo previsão de Staino, "ternos boas sementes e vagens".

"O dia 1.º de agosto — escreve ainda Luci Sales — foi um dia de satisfação para toda a classe".

E' que as crianças tinham conseguido mais ferramentas, mais tijolos na vizinhança, mais estêrco nos arredores do Grupo, e a horta recebêra um impulso considerável. O primeiro pensamento dos pequenos hortelões foi para a diretora, a quem escreveram:

"Sentimos grande prazer em convidá-la para visitar a nossa horta, afim de ver o nosso trabalho de hoje". E as mudas do "S. Rafael", as sementes de couve-manteiga de d. Vitalia, as de rabanete e repolho de José de Castro e Moacir Assoling, da classe de d. Carmosina, encheram os canteiros, com a eficiente colaboração de José de Castro, que indicou onde podiam encontrar estêrco, e o carro de Roberto, que foi emprestado para o transporte daquele material.

Marcos Menezes assinala o pesar com que deixaram êsse dia o trabalho e o entusiasmo dos horticultores quando viram o feijão germinar.

Luci descreve a evolução da semente: normal no dia da plantação, volumosa mais tarde; depois, a radícula, o caulículo, os cotilédones, o caule, as folhas... E a adubagem dos canteiros não parou, nem a régua, que foi constante. Plantaram-se selgas, beterrabas, tomates. A alegria das crianças, que foi sempre grande, cresceu de ponto quando viram todas as couves pegadas. "Mas — escreve José de Sales — a nossa alegria se misturou com a tristeza, porque descobrimos as mudas de alcifrões pegadas, mas todas picadas.

Não sabemos o que é que está prejudicando a nossa horta. Remexemos todos os canteiros; não encontramos formiga... Será passarinho? Vamos procurar descobrir o que nos tem dado tantos desgostos. Por enquanto vamos continuar a cercar os nossos canteiros com tijolos que pedimos na fundição do sr. Magnavaca".

Cabe aqui a transcrição do diário de 5 de setembro, do aluno João Bernardino da Costa:

"Hoje descemos para plantar nossa pequena horta. Antes de começarmos o trabalho fomos verificar as hortaliças.

As couves haviam pegado e estavam muito viçosas, mas as alfaces estavam ainda picadas. Já sabemos que são os grilos que assim prejudicam a nossa horta.

Por isso nomeámos o Luiz "mata-grilos". Aprendemos hoje muita coisa: sabemos agora que, assim como nós, as plantas se alimentam e é por isso que pomos água e estêrco nos canteiros.

E' por meio da raiz que a planta retira da terra o seu alimento.

O alimento retirado da terra passa pelo caule. Chama-se seiva; êle faz na planta o que o sangue faz em nosso corpo.

As plantas também respiram como nós e é pelas fôlhas que elas respiram.

A seiva sobe pelo caule e vai até às fôlhas, percorrendo todas as partes do vegetal, como faz o sangue em nosso corpo. Ao chegar às fôlhas, uma parte da água se evapora".

Leiamos, adiante, mais esta página, do aluno José Roberto, comemorativa da primeira colheita. Pertence ao diário de 12 de setembro — precisamente dois meses e 13 dias de atividade escolar, entre a idéia de se fazer a horta e as primícias dela:

Que dia admirável! Quanto alvoroço e alegria! Trabalhámos com vigor, porque o nosso contentamento foi extraordinário quando vimos prontos para colher os rabanetes que plantámos.

Como é bom colhermos os frutos do nosso trabalho! Uma brilhante idéia nos ocorreu: ofereceremos a d. Vitalia Campos e d. Carmen Silva a nossa primeira colheita, pois sabemos quanto elas se interessam por tudo quanto fazemos.

Foi uma comissão entregá-la, tendo Silvio como chefe. Ditas as palavras de oferecimento, Silvio entregou o bonito molho de rabanetes a d. Vitalia. Estando ela ocupada, não nos pôde agradecer como desejava. Por isso foi depois à nossa sala agradecer-nos.

Notámos que sua fisionomia estava alterada. Tinha os olhos rasos de lágrimas, de tanta alegria e comoção”.

E aqui termina a história dessa horta, tão pequena nas suas dimensões materiais e de tamanho vulto como obra de educação no seio da escola nova.

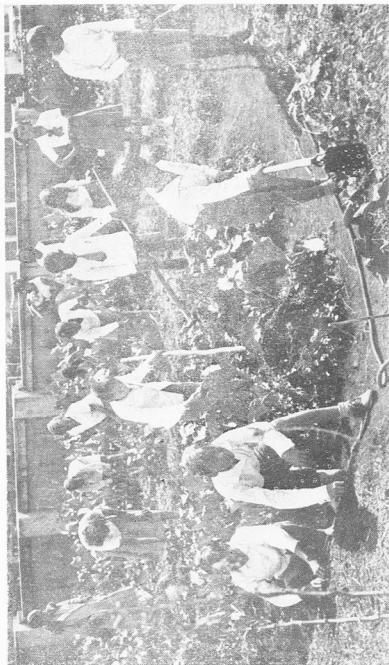
Que mundo de pensamentos, de sugestões, de diretrizes, de objetivos no labor alegre dessas crianças!

E' a boa idéia provocada por uma boa lição; é o fim de solidariedade comovente — o produto da horta é para os colegas menos favorecidos da fortuna, é o sentimento de disciplina — as crianças, embora impulsionadas pelo seu próprio espírito de iniciativas e movimentos autônomos, não se deslocam, primeiro sem consentimento de sua diretora, segundo sem audiência e aprovação de suas mestras, que se tornam crianças também e colaboram, infantilmente, na solução do problema.

E através dessa horta — que vi no meu contato permanente com os estabelecimentos de ensino da Capital — todas as matérias do curso foram estudadas: a Aritmética, a Geografia, o Desenho, a História Natural, a Língua Pátria, ao lado do exercício físico, ao sol, como convém às crianças que, à semilhança das plantas clorofilianas, gostam da luz e da liberdade.

Essa, senhoras diplomandas, é a escola ativa. E' a criança dentro da vida, conquistando, desde cedo, pela realização de seu trabalho, pelo poder de sua iniciativa e pelas forças convergentes da cooperação, o indeclinável direito de viver. Se a escola moderna tem como finalidade formar na criança o homem do futuro, para a vida em sociedade, deve, antes de mais, integrá-la no espírito dessas mesma sociedade, à qual procurará afeiçoá-la, fazendo-a parte dela, seja no âmbito escolar, seja num salão de festas, seja na praça pú-

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELLO HORIZONTE



Grupo "Jóko Pessoa" — Um "projeto" de jardim

blica, ou, como no nosso caso, nos canteiros de uma horta...

E a criança que concebe um plano de estudo e de trabalho e o executa, de ponta a ponta, vencendo dificuldades, procurando em si mesma recursos para a vitória, já não é uma criança: é Antheu — mal toque à terra, adquire uma força nova para a luta e para a vitória certa.

— Mas... vejo que estou me alongando demais. Vou concluir. Quero, porém, através de uma fábula — elas têm muitas vezes o condão da sabedoria — acentuar o que vai, queridas afillhadas, de dolorido e terno na doce amargura desta hora.

Está em Fenelon que quando a Fama anunciou, na voz clara de sua trompa, as divindades rústicas e aos pastores de Cynthia, a partida de Lycon, todos os bosques, sombrios, reboaram de queixas amaríssimas. Eco repetia-as, com tristeza, por todos os vales adjacentes. Não se ouvia mais a voz da flauta, nem a voz da charamela. Os pegurceiros mesmo, na sua grande dor, quebraram, comovidos, as gaitas pastoris. Tudo enlanguecia. O Ceu, até há pouco tão sereno, pejava-se de negras tempestades. Os aquilões crucis faziam bramar, como no inverno, as boscagens, cujos carvalhos deixavam sair, dos troncos gretados, as Driades para lamentar a fugitiva e amada criatura.

Fez-se uma reunião destas divindades tristes em torno de uma grande árvore, que levantava seus ramos para os ceus e que cobria com a sua sombra espessa a terra, sua mãe há um punhado de séculos.

Em torno desse velho tronco, as Ninfas levípedes, habituadas a dansar e divertir-se, vieram falar de seu infortúnio. "Está tudo acabado" — diziam — "não veremos mais Lycon, que nos deixa; a Fortuna inimiga nô-la arrebatou, para que ela seja o ornamento e a delícia de outro bosque mais feliz que o nosso."

E Pan corre, esquecendo a flauta; e os Faunos e os Satyros suspendem as cabriolagens. O rouxinol e seus amigos cantores mantêm-se em silêncio: apenas se ouvem, piando sobre a tristeza de tudo, os mochos funéreos e outras aves

de mau agouro. Mas eis que Flora e Pomona surgem sorridentes do meio dos ramos, as mãos entrelaçadas — uma coroada das flôres que rebentavam sob seus pés, outra trazendo uma cornucópia cheia dos frutos que Outono derrama pela terra para indenizar o homem das máguas que ele sofre sôbre a mesma. “Consolem-se, — gritam aos deuses consternados. Lycon parte, é certo, mas não deixa esta montanha de Apolo. Em breve vocês a verão aqui cultivando com suas próprias mãos nossos jardins afortunados. E arbustos verdes rebentarão por toda parte, e brotarão as plantas que alimentam o homem, e as flôres que constituem o seu encanto. Aquilões, não faneis, com o vosso hálito empestado, êstes jardins onde Lycon terá os prazeres inocentes, porque aos fáustos e aos divertimentos desordenados do mundo ela preferirá sempre a natureza simples traduzida nestes sítios que ela ama e que só a contragosto abandona”. E de longe — acrescenta o fabulista — os olhares que Lycon lançava para a montanha querida fertilizavam-na, e, em vez das plantas estéreis e selvagens, floriavam por toda parte a oliva, o mirto e os loureiros encantados...

Assim foi a Lycon da fábula, entre os bosques amigos e os deuses carinhosos.

Assim sois vós, senhoras diplomandas, no Colégio da Imaculada, que vos abraça maternal e vos abençoa de todo o coração.

Que Deus vos acompanhe !

PALAVRAS DE MESTRES

Accitando o mestre, como norma de conduta, que êle deve impulsionar o desenvolvimento das forças naturais da criança e não deve fazer por ela os esforços necessários ao aprendizado; convencendo-se de que só por êsse caminho a educação se realisa com eficiência e segurança, impõe-se-lhe o critério de ensinar pouco, mas de guiar com solicitude e de auxiliar com inteligência infatigável.

JOÃO TOLEDO

A divulgação dos ideais da escola renovada

J. Baptista SANTIAGO
(Diretor da “Revista do Ensino”)

i

Prevenção natural e justificavel

Quando se fala em escola ativa, educação funcional, psicologia educacional e outras cousas dêsse gênero, é comum perceber-se um certo desassossêgo entre os que estão ensinando, como se os professores sentissem a aproximação de uma ameaça ou de um perigo.

O professor, — que até agora deu, conscienciosamente, conta do seu recado, e tem no seu ativo as melhores notas conquistadas à vista dos mais evidentes resultados de seu trabalho, de sua dedicação e cultura magisterial, — não pode admitir que lhe venham dar lições no que concerne à sua profissão, nem pode conceber que haja outra escola que não seja a “sua” escola, — onde a disciplina tem sido a base do sucesso e onde a obediência ao mestre e o respeito à autoridade já são os primeiros passos no caminho do dever... Orgulha-se de sua escola, do resultado dela, de seus métodos, da docilidade e bons modos de seus alunos, da organização que imprimiu à todo aquele pequeno mundo que gira em torno do sol-mestre e dêste recebe a luz dos conhecimentos e o calor da moral dos homens sérios.

Revolta-se, naturalmente, contra as inovações que pretendem quebrar-lhe a autoridade, e defende à “outrance” suas ideias e princípios porque *sabe* que naquelas e nestes está a verdade, reagindo com toda a energia de sua boa fé, com toda a violência de sua honestidade, porque, — guarda de um te-

souro alheio e sagrado, — é capaz de sacrificar a vida para defendê-lo contra mãos rapaces e sacrílegas.

A atitude de desconfiança e de resistência que a nova orientação do ensino e os novos métodos educativos encontram no professor é cousa muito natural e até muito respeitável. Somente os destituídos de personalidade serão capazes de mudar de idéias e de hábitos simplesmente porque ouviram dizer que outros são os hábitos e as idéias em moda. A própria moda, quando parece exagerar nos caprichos, encontra a repulsa de seus escravos. Ainda hoje ha muitas senhoras de trança e côque, e muitas outras que não teriam coragem de se meter dentro das "culottes" nem de cavalgar à manciara dos homens... Isto, entretanto, nada diminui do valor estético ou higiênico dos cabelos curtos, nem prova contra a elegância e o comodismo das amazonas modernas. É uma simples questão de pontos de vista, podendo também ser tal resistência explicada pela lei da inércia: o impulso em determinado sentido cria a força que resistirá, até certo ponto, a outra força em sentido diferente. Os hábitos têm raízes mais ou menos profundas, e com elas se defendem da força exterior que os queira arrancar ou substituir.

II

A atitude do catequista

Sou católico apostólico romano. Convicto de que só a minha religião é verdadeira, desejo converter ao catolicismo o meu vizinho, — que é protestante ou maometano. Entretanto, não terei a estulta pretensão de conquistá-lo em algumas horas, pela beleza de minha causa nem pelo poder de minha dialética, — porque sei que ele é também um convicto de que a verdade está na sua crença. No seu erro não existe má fé e, por isso mesmo, sei que ele ha de teimar e perseverar nas falsas idéias e, — até que a verdade verdadeira triunfe da verdade aparente, — haverá desconfiança, haverá resistência,

haverá reação, porque a sua personalidade estará em luta consigo mesma para aceitar a nova atitude, a nova direção espiritual que lhe quero imprimir. E sei que a resistência será tanto maior quanto mais bem formado o caráter e quanto mais íntegra a personalidade do meu vizinho. E, além do mais, sei muito bem que o meu fracasso será certo se a fé não estiver viva em meu coração, e o amor em minhas palavras, — na singeleza da verdade e na caridade da tolerância.

Assim devemos pensar todos os catequistas da escola nova. Pensar e assumir a atitude correspondente ao pensamento.

Agir de outro modo só fará robustecer o potencial da resistência e legitimar a incredulidade e a revolta, com a nossa inabilidade e nossa incoerência: se pregamos que a personalidade infantil é digna do maior respeito, — não merecerá respeito a do adulto? E se para este a Pedagogia é outra e diferentes são as leis da Psicologia, — então devo estar errado quando afirmo que a criança não é um adulto em miniatura, mas o adulto é sempre uma criança grande...

Temos que abrir caminho até vencer a distância que está entre nós e a nossa concepção de ideal, mas sem atritos e sem colisões: quem contorna um obstáculo revela muito mais sabedoria do que quem o derruba. Tenhamos, acima de tudo, a certeza de que a nossa missão não é arrancar e destruir, mas substituir e reconstruir: — transformar a escola que tivemos, a escola que nos fez tal como somos, numa instituição que faça nossos filhos, — como valores humanos, — mais perfeitos de espírito e de corpo, maiores em pensamento e ação, melhores e mais felizes do que nós.

Aforismos pedagógicos

Mario MATOS

Já vistes, por certo, algum dia, alguém desmanchar, brutalmente, o brinquedo de uma criança.

Diante daquela crueldade, a menina se põe a soluçar copiosamente. E' um choro convulsivo e doloroso. Chora um tempo imenso, um tempo mais longo do que se poderia imaginar.

E' que foi ferida em sua mais profunda sensibilidade, no que possui de mais diletô: o seu brinquedo.

O caso é comparável ao do avaro que houvesse perdido a fortuna.

Em face dessas cenas, nunca me esqueço da frase do escritor modernista, a qual é um bom aforismo pedagógico: — "Nunca se deve desmanchar a comidinha das crianças !"

A lição do silêncio encerra uma excelência pedagógica, que a razão não descrimina bem. Parece que o silêncio é a atmosfera natural da ação. A palavra, o canto, o ruído é dispersão de todo esforço mental ou mecânico. Tanto que a palavra, só não atrapalha o trabalho individual ou coletivo, quando se conjuga com o ato, isto é, quando encerra ordem ou mando ou mesmo quando marca o ritmo ao esforço.

Assim, a palavra parar, acelerar ou regular os esforços comuns nas grandes usinas, nas grandes aglomerações humanas. Sob o sol, os pedreiros rolam pedras de acôrdo com o irmão: — rôla, pedrinha, rôla...

O sussurro das colmeias aparece como efeito da vibração das azas. Não é um propósito. E' uma falha... Fora de tais situações, por assim dizer inevitáveis, o silêncio é que é a alma do trabalho.

De acôrdo com essa observação, convém que o professor fale o menos possível e ensine somente a fazer. E ensinar a fazer é ensinar a calar.

*

O bom professor é sempre o melhor aluno de si mesmo.

*

Era uma vez uma professora chamada dona Michelina que estava dando uma aula. Foi, então, entrou um beija-flôr na aula. Entrou e foi um péga-pega dos diabos. A meninada desandou a persegui-lo: — Cerca, segura, fecha...

Debalde, dona Michelina, já sem óculos, gritava: — atenção! Ninguém prestava atenção! Quem é bobo para prestar atenção numa hora destas?!

A muito custo, já cansados, todos se aquietaram por si mesmos. Mas não foi, nem por sombras, devido à professora. Absolutamente. A professora era ingênua. Onde já se viu, neste mundo, uma aula ser mais interessante do que um beija-flôr? Ingênua e desunida. O que ela devia ter feito era ter ajudado a meninada pegar o beija-flôr. Não só não ajudou, como, ainda por cima, facilitou a fuga do bichinho.

Faz uma cousa dessas, de uma falta de cooperação irritante, e, depois, fica se queixando dos alunos, que, com toda razão, não gostam dela. Pois si ela não presta nem ao menos para fechar uma janela!...

*

Meu filhinho Alberto Olavo quasi todo santo dia imita direitinho a literatura do Monteiro Lobato. Si soubesse escrever, diriam que era plagiário. E' que a natureza, como disse Wilde, copia a arte com fidelidade espantosa.

A cena é sempre, aliás, em toda casa, única e repetida.

O caso é que, à noite, quando me vê trabalhando, vem logo descendo a escada com aquele passo de velho que têm as crianças. Faz barulho à porta. Vou abri-la. Entra. Senta-se na minha perna. Pega do lapis e dá-mo. Começa:

— Papai, escreve um automóvel.

Eu pinto um automóvel.

— Põe uma roda aqui.

Ponho uma roda no lugar do *chauffeur*.

— Papai, escreve um passarinho aqui.

Eu pinto um passarinho sentado dentro do automóvel, embora passarinho não se sente, nem, muito menos, dentro de um automóvel.

— Papai, escreve um bonézinho e um cavalinho na cabeça do passarinho.

Aí, então, como se trata do impossível, eu ladeio a questão e, legítima ama sêca, engambelo, ou, como diria o Rui, embéleco o pequeno:

— Lu, lu, lu. lu. . .

E êle, coitadinho, pende a cabeça no meu ombro e dorme. Dorme e sonha com toda aquele mundo absurdo, que é, para êle, a mais encantadora das realidades.

Si as crianças pudessem ditar livros, a sua literatura absurda seria o mais belo compêndio de pedagogia.

Só as crianças saberiam escrever para crianças.

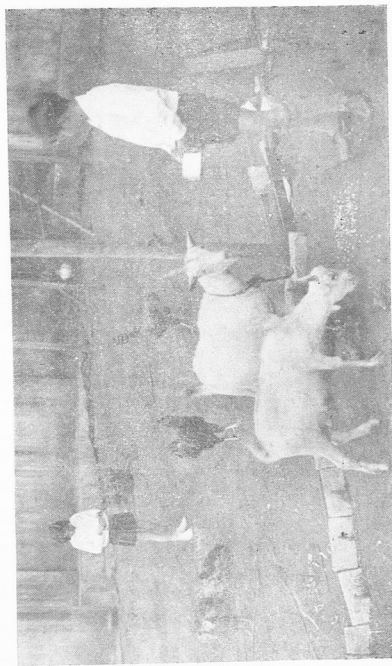
*

Disciplina é capacidade de divertir-se com o estudo.

*

Quando tiverdes um aluno inadaptado, um aluno que não aprende, mesmo que não seja doente, respeitai o mistério de sua impenetrabilidade. O homem de gênio, segundo pensa Oswald, tem um traço singular: a incapacidade de assimilar, em criança, o ensino oficial. Aquele menino que não vos en-

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELO HORIZONTE



Grupo "João Pessoa" - Cantando da criação

tende, professor, aquele menino não é entendido por vós. Lá está em um recanto de vossa classe. E' um imbecil ou é um gênio.

*

Antes e depois da vida, a lição sempre continua. Assim, ensinar, educar não tem alcance individual. E' um ato humano.

MARIO MATOS

PALAVRAS DE MESTRES

Certo, com a renovação dos métodos escolares, as bibliotecas tomaram um impulso vigoroso e ganharam não só em extensão, multiplicando-se por toda parte, em escolas de todos os graus e categorias, mas em linha vertical, renovando-se e aperfeiçoando-se, para se tornarem cada vez mais acessíveis, atraentes e utilizáveis, sob o influxo das novas idéias de educação. Mas, se examinarmos a questão de perto, não nos pode surpreender esse isocronismo dos dois movimentos, paralelos e sincronizados, o da renovação educacional, de um lado e o das bibliotecas escolares, de outro, desenvolvendo-se segundo o mesmo ritmo e na mesma direção. E' que, com a renovação das técnicas de ensino, que rejeita a rígida disciplina de livros padronizados, de leitura ou de texto, se alarga cada vez mais o campo de estudos, de investigação e de trabalho que oferecem as bibliotecas, onde o aluno, libertado do livro de texto, do "livro único", vai encontrar, acessível, para o seu benefício e prazer, uma variedade sempre renovada de livros susceptíveis de satisfazer a multiplicidade de seus interesses, de seus gostos, de suas aptidões e de suas necessidades.

FERNANDO AZEVEDO

(Diretor do Instituto "Caetano Campos").

Classificação dos alunos

Levindo LAMBERT

Muito se tem dito da homogeneização das classes. Não resta a menor dúvida de que, em grande parte, em grande número de grupos escolares, ela é uma realidade.

Aplicam-se testes apropriados, organizados e estabelecidos por competentes técnicos, e faz-se a seleção necessária. Tomam, depois, os selecionados, destino conveniente, constituindo classes de acôrdo com os seus níveis mentais.

O trabalho do professor, nessas classes, será mais suave, e o rendimento do ensino será certamente mais promissor.

Stern, com a sua reconhecida autoridade, pinta o quadro de uma classe heterogênea. Não carrega nas côres: dá-lhes apenas o tom da realidade. E' o perigo dos bem dotados recebendo os mesmos ensinamentos dos mal dotados: "não aprendem a trabalhar". E não aprendem a trabalhar os mal dotados com o trabalho só adaptavel aos bem dotados.

Este seria o meio — diz Bonfim ("O Método de Testes") — de tornar o ensino igualmente nulo, para inteligentes e não inteligentes: aqueles se desinteressariam das lições fáceis e pouco substanciais; êstes não alcançariam lições que certamente ficariam acima das suas capacidades de assimilação.

E a avalanche de repetentes continúa, ano por ano, num trabalho de Sisifo, sacrificando inteligências e energias.

Apenas 15 % de crianças — diz Decroly — aproveitavam convenientemente o ensino primário. O residuo, a massa amorfa e incolor da sociedade, os que ficam por aí inexpressivos e desiludidos, constituem os 85 % que a escola sacrificou. E' o exército dos que, na escola, "tinham sempre os cadernos cheios da tinta vermelha das correções", como diz Stern.

O mal, entretanto, vai sendo removido. Homogeneizam-se as classes. Faz-se a seleção prévia. Dá-se — diz Ruttmann — a cada pessoa o trabalho de que é capaz de executar... E', talvez, a mais incisiva objetivação da escola nova.

Mas, e infelizmente, isso se vai fazendo a pouco e pouco. Na Capital o trabalho tem sido metódico e completo; fora dela, poucos grupos o têm assim completo e metódico.

Disse-me a professora: — Não argüo aquele menino porque há cinco anos está aqui e não conhece o *a*.

E mostrou-me um pretinho vivo, solerte, debruçado sobre a carteira, no extremo da sala, na quasi penumbra, fazendo um jôgo qualquer, sósinho, desinteressado da professora e dos colegas.

Fiz ver, mais tarde, à professora que aquele menino devia merecer-lhe mais cuidados. Puzesse-o ao pé da sua

mesa e o estudasse melhor. Chamasse-o, interessando-o na lição; desse-lhe um pouco de carinho, um pouco do seu tempo — e ele ganharia em poucos meses o que perdera em cinco anos.

Se a professora não faz, embora empiricamente, a classificação dos seus alunos, o resultado do seu trabalho será sempre relativo. A proporção do rendimento será aquela assinalada por Decroly.

Os bons métodos de ensino, a habilidade técnica da professora, a sua cultura, as suas qualidades magisteriais, terão sempre o obstáculo da heterogeneidade da classe, das variações individuais dos seus alunos.

Por simples e prática que seja, a classificação é sempre uma necessidade. Um grupo de *adiantados*, outro de *atrazados*, cousa empírica, é verdade, só para o governo. A mestra, com programa adequado a cada um, devidamente flexibilizado, dá à professora um trabalho mais suave, com maiores probabilidades de êxito. Faz-se assim um arremêdo de classes paralelas. Um arremêdo em que todos trabalham, em que ninguém fica atôa; em que se resolve, pelo trabalho, o fator "disciplina"; em que, pelo trabalho da classe se verifica o rendimento do trabalho da professora.

Nada disso é novidade, bem sei...

Alguns professores adotam, de longa data, êsse critério. Os dois grupos, dentro da mesma classe, podem assim acompanhar paralelamente o mesmo programa, chegando ao término do ano letivo aptos à promoção.

É uma forma empírica de seleção e classificação de alunos, é verdade; mas é sempre uma organização aproveitável.

Essa prática não é nova, como disse. Já em 1893 a cidade de Liverpool, na Inglaterra (Balmer, *Les Classes Dites Faibles*) estabeleceu, em suas escolas, classes paralelas de fortes e fracos. Só mais tarde, no entanto, em 1900, depois das notáveis experiências psicométricas de Catell, nos Estados-Unidos, e de Binet, na França, essa organização teve, no sistema de Mannheim, um caráter mais científico e mais consentâneo com as investigações psicológicas.

A divisão da classe em grupos, afim de melhor responder à individualização do ensino, foi, nas escolas da cidade alemã, uma das exigências mais características. Esse sistema serviu de padrão a várias organizações de classes fracas nos Estados-Unidos, Inglaterra, França, Suíça, etc. As classes paralelas de Decroly nada mais são que uma adaptação do sistema de Mannheim.

É certo que muitas das organizações de classes fortes e fracas, inclusivé as de Walton Lane Council School, de Liverpool, tão distanciadas das grandes conquistas da psicologia de hoje, deram independência a cada classe. Mas, se se constitua classe inteiramente de fracos ou inteiramente de fortes, a divisão em grupos é sempre constante, e, por isso mesmo, necessária. Para se aquilatar dessa verdade, examine-se uma curva de frequência ou uma ogiva de Gallon, sobre um gráfico de classe homogeneizada. Ver-se-á então que as diferenças individuais existem sempre, mesmo nas classes homogêneas e selecionadas.

Se no início do ano letivo é mais ou menos acentuada a homogeneização da classe, as diferenças se vão verificando gradativamente, até que, no segundo semestre, constituem-se grupos distintos.

Daí a imprescindível necessidade da divisão em grupos, no interior da classe, da flexibilização dos programas e dos cuidados constantes da professora. Dos cuidados constantes da professora em relação aos que, do grupo forte, perdendo terreno, necessitam do seu reajustamento em novo grupo; ou, vice-versa, aos que, do grupo fraco, progredindo,

devem ser incorporados, sem perda de tempo, ao grupo forte ou adiantado.

Um desperdício de tempo representa, na vida de um educando, uma notável parcela de prejuízos, cujos resultados influirão decididamente não só nos processos da sua educação ulterior, como na sua própria vida prática. O desperdício de tempo, em tal fase da vida, constitui um verdadeiro crime...

A professora, vigilante, assegurará a cada grupo o trabalho compatível com as necessidades da classe, do grupo e dos programas, respeitadas as leis da metodologia e da psicologia; e, sobretudo, não deixará grupo ou aluno algum sem trabalho.

Atenderá sempre a este conselho de Toledo: "Conservar os alunos sempre ocupados. Nas escolas isoladas e no 1.º ano dos grupos, os alunos são distribuídos em duas ou três secções, de acordo com o adiantamento. Enquanto a professora auxilia diretamente uma secção, a outra ou as outras devem entregar-se a qualquer ocupação escolar que as prenda com interesse... Nas classes homogêneas, de igual avanço no estudo, a vigilância da professora não permitirá que criança alguma fique sem qualquer coisa a fazer".

LEVINDO LAMBERT

PALAVRAS DE MESTRES

Para que, desde logo, fique assegurado o desenvolvimento do espírito na humanidade é necessário, em primeiro lugar, que se conheça o grau atual de seu desenvolvimento e, depois, que a humanidade futura seja posta neste grau, se lhe indiquem as linhas diretrizes de seu progresso e se lhe dêem medidas para os valores espirituais.

A instituição que deve garantir, com sua atividade, o acrescentamento da vida espiritual da humanidade — é a escola.

G. WINEKEN

O professor e a educação da criança

Alice de Andrade SANTIAGO

Neste período de evolução intensa, em que a vida, numa fase vertiginosa de inovações e reformas, toma novos rumos e tem maiores exigências, — não pode o professor ficar à margem do caminho, extático ou indiferente aos surtos do progresso.

A escola de nossos dias deve ser o reflexo da vida moderna, deve renovar-se, acompanhando a renovação da vida.

O professor precisa, pois, evoluir, porque dele depende, quasi que exclusivamente, a transformação da escola.

Dantes era a escola o complemento do lar. Hoje é um ambiente de vida real, em que, muita vez, a criança se vê cercada do carinho e da solicitude que lhe faltam no próprio lar, no qual se sente quasi que abandonada a si mesma, porque pai e mãe passam o dia fora de casa, nas oficinas, nos escritórios e nas repartições públicas, empenhados ambos na luta pela vida.

E na escola que a criança começa a viver a verdadeira vida, convivendo e colaborando com os colegas, agindo e colhendo experiência, sob o influxo da professora.

Outrora, a professora se limitava a encher a cabecita dos pequenos que se sentavam imóveis à sua frente e cujas necessidades desconhecia, porque nunca lhes pesquisara a alma de criança, como não cogitava das falhas e solicitações do seu organismo em formação.

A mestra tem que ser mãe e, sendo mãe, será a mestra da vida.

Ela tem que colocar a criança dentro da vida e viver com ela; — descobrir-lhe os instintos e tendências para ca-

nalizá-los até o bem, conhecer-lhe as exigências do organismo, facilitando-lhe o desenvolvimento e concorrendo para a sua saúde — que é a base do equilíbrio moral e do sucesso na vida.

O professor: — eis o problema do momento, o maior problema da renovação da escola.

Aquele mesmo que há dez anos, que há cinco anos, era um ótimo professor, pode ser, hoje, um péssimo educador, se não abre um livro, se não estuda, se não se convenceu do dever de se tornar um “novo” professor, diante das mudanças sociais e das novas exigências da educação.

Em geral, contenta-se o professor com o preparo adquirido nos cursos profissionais e, ao encetar a carreira magisterial, fecha os livros, quando tinha mais necessidade de abri-los. Ensina, mas não aprende e, no entanto, aprender é o mais imperioso de seus deveres.

Em nossos grupos, apesar da orientação técnica e da direção inteligente dos educadores, a transição para os modernos métodos de ensino tem sido, infelizmente, de morosidade desalentadora...

Como reconstruir o edifício da escola se os obreiros não querem compreender a necessidade da reconstrução? E os que não querem ver, se não são maioria, são, pelo menos, numerosos...

Por este ou por aquele motivo, por desânimo ou por incúria, por indiferença ou comodismo, aversão ao estudo ou amor à rotina — a verdade é que existem, por toda parte, professores que se quedaram à margem da nova estrada da educação e da vida.

Faça-se em cada escola uma experiência: formule-se um questionário e indague-se de cada professor quais são as obras pedagógicas que tem lido e quais as suas realizações, pedindo-se-lhe uma relação das atividades de seus alunos...

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELO HORIZONTE



Grupo "Arado Pássaro" — Rodagem da "Colméia"

Muitos seriam os resultados satisfatórios; os resultados negativos não seriam, porém, em número menor.

Se há professores, que encaram concientemente a situação e trabalham, de verdade, com abnegação e eficiência — há-os dolorosamente inconcientes dos seus deveres, empenhados, tão sómente, em fazer jus à remuneração de cada dia.

O principal dever do professor é estudar, aprimorar-se para melhor fazer o bem, concentrando, orientando e impulsionando todas as suas melhores tendências e energias, pondo-se em harmonia com a sua função de guia da criança, para que esta, igualmente, consiga “centrar” os seus poderes nascentes, tornando-se capaz de agir por si mesma, de experimentar as suas forças de ação e de pensamento, vivendo a sua própria vida, acertando ou errando para acertar, construindo em experiências a sua personalidade, para que a vida não lhe ponha amanhã as peias do derrotismo, nem dela faça um joguete sem alma e sem ação, e para que, com a independência dos caracteres integros em força e beleza, possa trilhar o caminho do Bem — que é o verdadeiro caminho do homem.

Toledo diz que “o mestre deve ser o compêndio vivo de seus alunos, todas as vezes que escassearem as fontes diretas da observação”.

Que ele se aperfeiçoe para plasmar com perfeição a argila que está em suas mãos. Dos compêndios úteis escolherá os mais úteis para formar e enriquecer a sua cultura pedagógica.

Os que não estudam e não se transformam, deixarão sem guia centenas de crianças que desfilam ao seu comando,

e elas serão contaminadas do mal do professor. E, então, melhor seria que este se afastasse de vêz do magistério, tendo a nobreza e a inteligência de procurar um ofício de sua vocação...

A seleção dos professores seria a maior etapa vencida na realização da escola educativa.

Há velhos, plenos do fervor da mocidade, como há jovens, presas do desânimo da velhice.

"Velhos" são os que se apegam à rotina, os cépticos, os apáticos, os estagnados, aqueles a quem faltou a fé em Deus e a esperança no destino dos homens. E novos métodos para os "velhos" — é inútil.

Diz Kilpatrick que "se a escola se negar a ser o lugar onde haja vida real, isto será nada menos que o suicídio moral da sociedade".

E' uma verdade. E o professor que se negou a acender no peito a centelha da fé e matou os impulsos de sua alma para o "melhor" — o que fechou seus olhos para a verdade e o dever — será responsável pelo suicídio moral das gerações futuras, porque o seu exemplo envenenou a alma das crianças, corrompendo-a e desmoralizando-a, para incorporá-las — conscientemente, talvez, — à coorte infeliz dos desfibrados e dos vencidos.

ALICE DE ANDRADE SANTIAGO

PALAVRAS DE MESTRES

O porvir não pode sair do nada. não podemos construir senão com os materiais que nos tenha legado o passado. Um ideal erigido sobre um estado de cousas contrário ao estado de cousas presente — não pode ser levado a efeito, por isso mesmo que não possui raízes na realidade.

EMILE DURKHEIM

O ensino primário em Minas-Gerais

Mario CUNHA

(Assistente técnico da Diretoria de Estatística do Ministério da Educação)

Interessantes revelações da Estatística

O recente ato do governo do Estado, dispendo sobre a aplicação de 10 % da receita dos municípios para manutenção de escolas rurais, veio revigorar, grandemente, as atividades educacionais em Minas. A depressão financeira e o crescente aumento das responsabilidades da administração, não permitem que o Estado tome a si, exclusivamente, o encargo de prover a educação do povo. Faz-se mister que ao seu esforço venha juntar-se a cooperação dos municípios e a dos particulares.

Se o Estado tivesse que prover às necessidades de toda a população escolar, que se elevava, em 1932, a 1.807.945 crianças, teria que gastar a metade de sua receita só com o pagamento do professorado, sem levar em conta as vultosas despesas com material.

Passemos uma vista sobre o estado geral do ensino primário no Brasil, no biênio de 1931-1932, para expormos, em seguida, a situação do ensino a cargo exclusivo do Estado.

Até 1931 a estatística escolar ainda era muito imperfeita no Brasil. Alguns Estados, entretanto, possuíam serviços exatos, muito embora executados sem a técnica aconselhável. Nesse ano, porém, foi firmado entre o Governo Federal e os Estados um convênio para uniformização das estatísticas educacionais, afim de que fosse dada a conhecer a situação real da educação nacional.

REVISTA DO ENSINO

O lugar de Minas na federação

Os serviços do Convênio Estatístico, conquanto ainda apresentassem algumas falhas, o que é natural na execução de um plano vasto e complexo, foram auspiciosamente iniciados em 1932, e os resultados, altamente apreciáveis, já se acham publicados. E pelo quadro seguinte se pode averiguar o contingente fornecido pelo Estado de Minas.

DISCRIMINAÇÃO	Brasil	Minas-Gerais	
		Numero absoluto	%
Unidades escolares.....	27 659	3 674	13,2
Professores	56 300	9.500	16,9
Matricula	2 071.398	335.588	16,2
Frequência.....	1 422 841	251.291	17,9
Conclusões do curso	124 025	25 884	20,9

Em 1932 funcionaram no Brasil 27.659 escolas primárias, cabendo a Minas 3.674, ou sejam 13,2 %, equivalente, portanto, ao 3.º lugar entre os Estados. Coube o 1.º lugar ao Rio Grande do Sul, com 4.559 escolas, ou sejam 16,5 %, seguindo-se-lhe São Paulo com 4.000, equivalente a 14,5 %, e depois, em ordem decrescente, Pernambuco com 6,3 %, Estado do Rio com 5,3 % e Distrito Federal com 3,8 %. Os demais Estados concorreram com os restantes 40 % de escolas.

Ocorre, entretanto, um esclarecimento aos menos avisados em lidar com as estatísticas. Os números apontados se referem às unidades escolares, entre elas os grupos escolares e escolas reunidas.

O Rio Grande do Sul figura em primeiro lugar quanto ao número de escolas, mas, em compensação, só figura com 217 grupos escolares e escolas agrupadas, cabendo, nesse particular, o 1.º lugar a São Paulo, com 773 e o 2.º a Minas-Gerais, com 359.

Muito embora esteja colocado em 3.º lugar quanto ao número de escolas, o Estado de Minas só teve à sua dianteira, quanto ao número de professores e alunos, o Estado de São Paulo.

Assim, vejamos. No mesmo ano lecionaram nas escolas primárias do país 56.304 professores, dos quais 13.186 em São Paulo (23,4 %), 9.500 em Minas (16,9 %), 6.709 no Rio Grande do Sul (11,9 %), 5.715 no Distrito Federal.... (10,2 %), 2.561 em Pernambuco (4,5 %) e no Estado do Rio 2 560 (4,5 %). Os demais Estados concorreram apenas com 16.073 professores, ou sejam 28,6 %.

Ainda no mesmo período foram matriculados nas escolas primárias 2.071.399 alunos, dos quais 458.404 em São Paulo (22,1 %) e 335.588 em Minas (16,2 %). Sómente esses dois Estados concorreram com mais de um terço do discipulado total do Brasil, chegando a atingir quasi 40 %. O Rio Grande do Sul concorreu com 261.447 alunos (12,6 %), o Distrito Federal com 181.421 (8,8 %), o Estado do Rio com 117.886 (5,7 %) e Pernambuco com 105.425 (5,1 %). As demais unidades da Federação concorreram com 611.228 alunos, ou sejam 29,5 %, isto é, menos da terça parte, não tendo, em nenhuma delas, a matrícula atingido a cem mil alunos.

A população escolar do Brasil, de 7 a 14 anos, recensada em 1920, era de 6.500.000 crianças, e admitindo que em 1932 ela se elevasse a 8 milhões, verificamos que sómente 20 %, ou seja um quinto da população escolar teve matrícula nas escolas primárias.

Mas, ainda não podemos afirmar que esses dois milhões de alunos receberam educação, pois, "a matrícula, segundo a palavra de Rui Barbosa, é o acidental, o efêmero, o instantâneo, a expressão de uma formalidade ilusória; a

freqüência é a duração, a continuidade, a perseverança, a expressão significativa de uma realidade séria e difícil". Realmente, não é o fato de estar o aluno matriculado que o faz aproveitar as lições do mestre; sem o seu assíduo comparecimento ele jamais aproveitará os ensinamentos que lhe são ministrados.

E dos dois milhões de alunos matriculados 600.000 não freqüentaram a escola com assiduidade, isto é, 30 %. Por aí vemos que dois oitos milhões de crianças, apenas. . . . 1.423.000 receberam, de fato, educação. Dêsse número coube a maior parcela a São Paulo, com 351.010 (24, 7%)¹⁰; seguindo-se Minas-Gerais, com 254.291 (17,9 %) ; Rio Grande do Sul, com 180.935 (12,7 %) ; Distrito Federal, com 104.081 (7,3 %) ; Estado do Rio, com 68.818 (4,8 %) e Pernambuco, com 63.902 (4,5 %). Nas demais unidades da União a freqüência foi de 399.804 alunos, ou sejam 28,1 %.

O total exato da freqüência, em todo o Brasil, elevouse a 1.422.841, sendo 745.650 do sexo masculino e 677.151 do sexo feminino. Um fato interessante, cujas causas ainda estamos estudando, observa-se nos Estados do nordeste, do Piauí a Sergipe, nos quais a freqüência do sexo feminino sobrepuja a do masculino, não se verificando o mesmo nas demais unidades da Federação.

Dos alunos freqüentes apenas 124.025 concluíram o respectivo curso, isto é, menos de 10 % para todo o território nacional. Ainda nesse ponto o 1.º lugar coube a São Paulo, com 30.398 (24,5 %) ; em 2.º lugar vem Rio Grande do Sul, com 26.672 (21,5 %) ; em seguida vem Minas-Gerais, com 25.884 (20,9 %) ; Distrito Federal, com 6.816 (5,5 %) ; Santa-Catarina, com 5.468 (4,4 %) e Pernambuco, com 5.051 (4,1 %). As demais unidades do país concorreram com 20.669, ou sejam 19,1 %. Sómente os seis Estados acima aludidos apresentaram 80,9 % dos alunos prontos, isto é, as demais unidades reunidas não chegaram a concorrer nem com 20 %.

Pelos quadros seguintes poder-se-à melhor observar as variações do movimento do ensino primário no Brasil, em 1932.

ESTADOS QUE CONCORRERAM COM MAIOR CONTINGENTE PARA O ENSINO PRIMÁRIO EM 1932

ESTADOS	Unidades escolares		Professores		Matricula		Freqüência		Conclusões de cursos	
	Número absoluto	%	Número absoluto	%	Número absoluto	%	Número absoluto	%	Número absoluto	%
São-Paulo.....	4.000	14,5	13.18	23,4	458.104	22,1	351.010	24,7	30.398	24,5
Minas-Gerais.....	3.674	13,2	9.500	16,9	335.588	16,2	254.291	17,7	35.881	23,9
Rio Grande do Sul.....	4.559	16,5	6.708	11,9	261.447	12,6	180.935	12,7	26.672	21,5
Distrito-Federal.....	1.035	3,8	5.715	10,2	181.421	8,8	114.081	7,3	6.816	5,5
Rio de Janeiro.....	1.478	5,3	2.567	4,5	117.888	5,7	68.818	4,8	3.037	2,5
Pernambuco.....	1.765	6,3	2.560	4,5	105.421	5,1	63.902	4,5	5.051	4,1
Santa-Catarina.....	—	—	—	—	—	—	—	—	5.468	4,4
Outros Estados.....	11.148	40,3	16.072	28,6	611.228	29,5	399.804	27,9	20.669	16,6
Total.....	27.659	100,0	56.304	10,0	2.071.386	10,0	1.422.841	100	124.025	100,0

O serviço - Como se poderá observar, os quadros não fazem na parte final, rá outros Estados, com maior número de unidades escolares e professores, mas alguns contidos nesta tabela. Entretanto, aqui consignamos apenas os Estados que concorreram com o maior número de alunos.

O Estado e o ensino primário

O levantamento das estatísticas educacionais, de acordo com o plano estabelecido no Convênio Estatístico, vem revelando aspectos inéditos sobre a situação do ensino no Brasil, pois que, só eram publicadas, até então, as informações mais restritas sobre o desenvolvimento educacional.

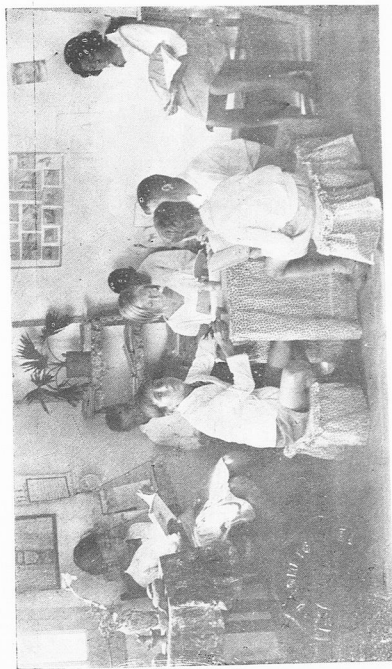
Apesar de ter sido deficiente, pelas dificuldades de adaptação, o inquérito levado a efeito neste Estado nos mostra que funcionaram, em 1932, 3.674 escolas ou cursos primários, dos quais 2.430 estaduais, 486 municipais e 758 particulares. Segundo a localização, 1.304 eram urbanas, 1.502 eram distritais e 784 eram rurais. Segundo o tipo funcionaram 291 grupos escolares, 68 escolas agrupadas, 3.244 escolas singulares e 91 anexas a outras instituições escolares. Destinavam-se ao sexo masculino 348 escolas, ao sexo feminino 161 e a ambos os sexos 3.165; 786 eram dirigidas por homens e 2.888 por mulheres, sendo 2.210 normalistas e 1.464 não normalistas.

O número de classes elevou-se a 12.880, assim distribuídas: estaduais 9.148, municipais 1.458, particulares 2.274; urbanas 5.830, distritais 4.776, rurais 2.274; nos grupos escolares funcionaram 3.305, nas escolas agrupadas 333, nas escolas singulares 8.924, anexas a outras instituições escolares 318; de ensino pre-primário infantil funcionaram 60 e de ensino fundamental 12.820, sendo 12.575 de ensino comum e 245 de ensino supletivo.

O pessoal docente elevou-se a 9.500 professores, assim distribuídos; no ensino estadual 7.485, no municipal 613, no particular 1.402; nos estabelecimentos urbanos 5.264, nos distritais 2.968, nos rurais 1.268; no ensino pre-primário infantil 87, no fundamental comum 9.279 e no supletivo 134; eram normalistas 5.719 e não normalistas 3.781; catedráticas, 7.208 e auxiliares 2.292; do sexo masculino 1.220 e do sexo feminino 8.280.

As matrículas atingiram a 335.588 alunos, sendo no ensino estadual 146.730 do sexo masculino e 125.297 do fe-

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELO HORIZONTE



Grupo "João Pessoa" — "Canto de Leitura"

minino; no ensino municipal 19.634 do sexo masculino e 10.852 do feminino; no ensino particular 17.834 do sexo masculino e 15.241, do feminino; no ensino pre-primário infantil 1.854 alunos, no fundamental comum 326.274 e no fundamental supletivo 7.460; nas sedes dos municípios... 176.155 alunos, nas sedes dos distritos 114.704, nas zonas rurais 44.729.

Ao iniciar-se e durante o ano letivo matricularam-se 335.588 alunos e durante o ano foram canceladas 38.961 matrículas, restando matriculados, ao encerrar-se o ano 296.627 alunos.

A frequência média elevou-se a 254.291, sendo nas escolas estaduais 204.004, nas municipais 22.492 e nas particulares 27.795; nas sedes dos municípios a frequência foi de 134.402 alunos, nas sedes dos distritos 85.550 e nas rurais 34.339.

Concluíram o curso 25.884 alunos, sendo 21.581 nas escolas estaduais, 1.908 nas escolas municipais e 2.395 nas escolas particulares; nas escolas urbanas concluíram o curso 13.400 alunos, nas distritais 8.644 e nas rurais 3.840; dos alunos prontos 12.871 eram do sexo masculino e 13.013 do feminino.

Agora, estudemos o desenvolvimento que vem tendo o ensino a cargo do Estado, no último decênio. Seria interessante fazermos um confronto entre os ensinos estadual, municipal e particular; é-nos isso impossível, porém, dada a falta absoluta de estatísticas dos dois últimos.

Em 1923 o Estado mantinha 2.193 escolas, que foram aumentadas, no ano seguinte de 936 unidades, ou sejam 42,7 %; nos três anos seguintes êsse aumento foi de 294 em 1925, 227 em 1926 e 375 em 1927. Em 1928 as escolas se elevaram a 5.661, tendo havido um aumento de 3.468 escolas, isto é, mais de cem por cento!

Em 1929 êsse número diminuiu de 69, em 1930 de 349 e em 1931 a diminuição culminou, com a supressão de 3.068 escolas, isto é, mais de 50 %. Com a melhoria das condições financeiras foram restauradas em 1932, 325 escolas, elevando-se o número a 2.430.

ANOS	Escolas		Aumento ou dimi- nuição		Matricula	Aumento ou dimi- nuição		Frequência		Aumento ou dimi- nuição	
			Em n.º absoluto	%		Em n.º absoluto	%	Em n.º absoluto	%	Em n.º absoluto	%
1923...	2.193	—	—	—	197.214	—	—	106.433	—	—	—
1924.....	3.120	926	42,7	193.773	3.411	1,7	112.885	6.932	3,6	112.885	6,6
1925.....	3.423	294	9,4	211.257	17.484	9,0	130.473	28.088	24,1	130.473	24,1
1926.....	3.701	278	8,1	225.571	14.200	6,7	141.847	10.344	7,9	141.847	7,9
1927.....	4.076	375	10,1	252.519	27.002	11,5	156.647	14.800	10,4	156.647	10,4
1928.....	5.061	1.585	38,9	346.994	94.475	37,4	233.852	77.205	49,2	233.852	49,2
1929.....	5.522	139	2,5	400.551	53.557	15,4	284.855	51.003	21,8	284.855	21,8
1930.....	5.173	349	6,3	451.766	51.215	12,8	347.138	62.283	21,9	347.138	21,9
1931.....	2.105	3.068	59,3	254.731	197.065	43,6	189.224	157.014	49,5	189.224	49,5
1932.....	2.430	325	15,4	272.027	17.296	6,8	294.004	14.789	7,8	294.004	7,8

A matrícula, que em 1923 era de 197.214 alunos elevava-se, em 1928, a 346.994 e em 1930, apesar de ter havido uma diminuição de 488 escolas, o número das matriculas atingiu a 451.766 alunos. Em 1931, com a supressão de 3.068 escolas a matrícula baixou para 254.731, tendo aumentado, no ano seguinte, para 272.027.

Apesar das últimas oscilações, podemos observar um fato deversas animador, qual o aumento de porcentagem da frequência sôbre a matrícula, que, de 50 %^o, apenas, em 1923 se elevou a 70 %^o em 1932.

O problema educacional

Esses fatos, acima expostos, longe de entibiar-nos, pela rudeza de resultados tão pouco animadores, servirão, antes, para encorajar-nos a prosseguir na patriótica cruzada de renovação da nossa mentalidade. E outra não é a atual preocupação dos nossos dirigentes, bastando lembrar os esforços que se estão coordenando para levar a efeito uma Convenção Nacional com o fim de articular e unificar as atividades dos Estados, do Distrito Federal, do Território do Acre e da União, com o eficaz auxilio financeiro desta, sem quebra, porém, da autonomia daqueles.

Como já tivemos oportunidade de dizer, os Estados, por si sós, não podem arcar com as responsabilidades da educação de toda a população escolar, havendo, portanto, necessidade de recorrerem ao auxilio dos municípios. Estes, por sua vez, não podem fornecer um auxilio eficaz, em virtude da precariedade de suas rendas, insuficientes, quasi sempre, para ocorrer aos reclamos de outras necessidades prementes.

Só há, portanto, dois caminhos a seguir, no caso em que os governos regionais desejem, de fato, resolver esse capital problema da nacionalidade: ou a interferência da União ou o amparo direto e indireto à iniciativa privada, para o seu conseqüente desenvolvimento.

Afigura-se-nos, porém, que só se deve lançar mão desse último recurso no caso de não ser possível chegar-se a um acôrdo satisfatório para a primeira hipótese. A interferência da União seria apenas em caráter coordenador e financeiro, ou mesmo avocando a si certas responsabilidades de ordem geral, o que se estabeleceria em acordos posteriores.

Os esforços que a União, os Estados e os Municípios vêm fazendo, em matéria educacional, já poderiam assegurar, si fôsses devidamente coordenados, os mais benéficos resultados. As despesas da União, dos Estados e dos Municípios se elevaram em 1932, a 4.770.762 contos de réis. Não temos elementos seguros para dizer o *quantum* que os Municípios gastaram com a educação, mas admitindo que tenham empregado 10 % das suas rendas, teremos que a União, os Estados e os Municípios gastaram apenas 292.000 contos de réis com o ensino, ou sejam 6 %.

Os serviços educacionais pesam muito pouco no orçamento da União, sendo quasi nulos os gastos com o ensino primário. Da despesa realizada em 1932, no montante de 2.859.668 contos de réis, a União apenas despendeu com a educação a ninharia de 45.617 contos, isto é, 1,60 %!

Ao mesmo tempo as despesas com a defesa nacional e a segurança pública custaram aos cofres da Nação 859 mil contos, ou sejam 30,05 % da despesa total; o serviço das dívidas consumiu 26,22 %; viação e obras públicas 9,37 %; os inativos 3,93 %. Com a saúde pública e assistência a Nação gastou apenas 2,10 % e com o fomento da produção 1,28 %!

A segurança pública no Distrito Federal consumiu a quantia de 44.544 contos, ou sejam 50 % do orçamento do Ministério da Justiça, isto é, tanto quanto o Governo Federal gastou com a educação; cada brasileiro pagou 1\$010 para custear aqueles serviços. Não menos interessante é a comparação dos gastos realizados com iluminação, águas e esgotos na Capital Federal, cujos totais se elevaram a 65.834 contos, tendo cada brasileiro concorrido com 1\$496 para aqueles serviços.

RESUMO DA ESTATÍSTICA DO ENSINO PRIMÁRIO NO BRASIL EM 1932

N. de ordem	ESTADOS	Unidades escolares	Professores	Matricula	Freqüência	Conclusões de cursos
1	Distrito-Federal	1.035	5 715	181.421	104.081	6.816
2	Alagoas.....	491	638	21.748	16.302	886
3	Amazonas.....	555	819	19.333	13.019	2.129
4	Baia.....	1.757	2.686	97.144	59.672	3.451
5	Ceará.....	889	1.460	57.316	27.988	1.887
6	Espírito-Santo.....	786	1.041	43.781	27.168	1.246
7	Goiás.....	396	561	21.743	15.703	753
8	Maranhão.....	951	1.191	30.070	18.998	672
9	Mato-Grosso.....	242	454	16.791	12.784	1.486
10	Minas-Gerais.....	3.674	9.500	335.588	254.291	25.884
11	Pará.....	708	1.150	53.603	33.205	1.646
12	Paraíba do Norte.....	542	753	38.274	21.923	705
13	Paraná.....	1.131	1.816	33.895	38.615	3.313
14	Pernambuco.....	1.765	2.561	105.425	63.502	5.051
15	Piauí.....	185	323	15.051	8.821	1.033
16	Rio de Janeiro.....	1.472	2.500	117.886	68.818	3.057
17	Rio-Grande do Norte.....	458	604	26.577	21.676	656
18	Rio-Grande do Sul.....	4.558	6.709	261.447	160.935	26.672
19	Santa-Catarina.....	1.554	1.915	80.393	67.136	5.468
20	São-Paulo.....	4.000	13.186	58.401	351.010	30.398
21	Sergipe.....	387	497	21.657	14.146	726
22	Território do Acre.....	84	125	3.850	2.647	50
	Total do Brasil.....	27.656	36.304	2.071.399	1.422.841	124.025

Os Estados, cujos orçamentos se elevam a 1.376.724 contos, gastaram 133.000 contos com a educação, ou sejam 15,82 %. O serviço das dívidas consome 22,94 % dos orçamentos estaduais; defesa e segurança pública 14,86 %; viação e obras públicas 21,63 % e saúde e assistência 4,83 %.

Todos êsses algarismos impressionam dolorosamente, mas essa é, infelizmente, a dura realidade. Daí, porém, podemos tirar lições salutares.

Urge que as novas gerações meditem bem essas duras verdades e procurem levar a êsses milhões de nossos patriotas analfabetos os benefícios da educação, que há de redimir a incúria dos que deixaram ficar neste estado um povo tão grande e tão bom.

MARIO CUNHA

Belo-Horizonte, Maio, de 1934

PALAVRAS DE MESTRES

Se a arte de educar constituiu-se principalmente de práticas habituais, tornadas quasi instintivas, importa, no entanto, que a inteligência não se afaste delas. A principio, a reflexão não caberia aí; desde o momento em que o homem atingiu certo grau de civilização, o trabalho reflexivo, isto é, a aplicação do conhecimento, tornou-se indispensável. Uma vez que a personalidade individual se tornou elemento essencial da cultura intelectual e moral da humanidade, o educador deve ter em conta o gérmen de individualidade que há em cada criança. Deve, por todos os meios possíveis, favorecer-lhe o desenvolvimento. Ao invés de aplicar a todos, de maneira invariável, a mesma regulamentação impessoal e uniforme, deve, ao contrário, diversificar os processos, conforme os temperamentos e a feição de cada inteligência.

EMILE DURKHEIM

A educação consiste, sob qualquer de seus aspectos, numa socialização metódica de cada nova geração.

EMILE DURKHEIM

A medicina preventiva como ciência de prolongar a vida

Mario Mendes CAMPOS

(Médico da Inspeção de Educação Sanitária)

O instinto de prolongar a vida tem conduzido o espírito humano ás mais variadas e curiosas experiências, visando dilatar o mais possível a nossa permanência na terra.

Este poderoso e inalienável instinto de vida obriga o homem a percorrer os ásperos e penosos caminhos do conhecimento, em cuja conquista o espírito, animado sempre de novas e vivas esperanças, procura romper os pesados véus que encobrem os destinos humanos.

A medicina não podia, é certo, permanecer impermeável a estas experiências consoladoras, com o fim de conferir aos seres humanos a suprema dádiva de uma vida mais longa e mais salutar.

Sem entrarmos no estudo das tentativas dos biólogos modernos empolgados pelo problema de prolongar a vida humana, veremos que esta tarefa importantíssima para os nossos destinos deve competir áquela parte da medicina que cogita particularmente do homem são — a medicina preventiva.

Podemos afirmar que a civilização moderna viu realizar-se nestes últimos decênios uma das mais impressionantes conquistas da inteligência humana: a luta vitoriosa contra a mortalidade.

O professor Alberto Lutrario, delegado italiano junto ao Comité de Higiene da Liga das Nações, assinala que a população européia em 1350 atingia cerca de cem milhões de habitantes. Em 1700, essa população elevava-se unicamente a 110 milhões de habitantes, ao passo que hoje um crescimento desse valor se efetuará em poucos anos.

Uma das razões desse fraco e insignificante crescimento da população européia até o século 18 estava, sem dúvi-

da, nas devastações periódicas que as epidemias operavam no continente europeu, dizimado pela peste, pela varíola, pelo cólera, etc. Mas, a partir da segunda metade do século 19, graças aos conhecimentos que a microbiologia trouxera ao patrimônio científico e mercê dos progressos da técnica sanitária, a mortalidade começou a decrescer em todos os países civilizados.

O dr. Alberto Lutrario, em publicação intitulada "La Prolongation de la Durée de la vie" ("Office International d'Hygiene Publique", n. 1 — 1931), sugere que a diminuição da mortalidade no mundo civilizado está ligada a diversos fatores de ordem complexa: aumento de riqueza em vários países, permitindo um nível mais alto de vida, aplicação de medidas de melhoramentos, como higiene das cidades, higiene das construções, abastecimento d'água, esgoto, etc.

Os documentos demográficos demonstraram a baixa acentuada da mortalidade, mórmente depois da guerra européia, pois a mortalidade geral, que era de 20 por 1.000, em média, em 1900, nos países europeus, pode baixar, em certos países, como na Holanda, a 9 por 1.000.

Todas as medidas sanitárias que os govêrnos vão procurando realizar, traduzem segundo Lutrario, a expressão do valor mais alto da vida humana, que deve ser prolongada, como a conservação de um patrimônio de riqueza insubstituível.

O higienista italiano acredita que há dois setores importantes onde a medicina preventiva pode realizar conquistas notáveis na luta contra a mortalidade, para a prolongação da vida: a proteção á primeira infância e a preservação da saúde individual.

Mostra-se entusiasmado com a inovação criada nos Estados-Unidos e incentivada, sobretudo, pelo dr. Eugenio Fisk: trata-se da criação do exame médico periódico das pessoas aparentemente sãs, como meio de preservação da saúde.

O dr. Fisk, quando diretor duma Companhia de Seguros, notara que muitos indivíduos de idade madura, examinados pelos médicos, não podiam obter inscrição na Com-

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELLO HORIZONTE



Grupo escolar "João Pessoa" — Misser e "Galvão de Litoral"

panhia em virtude de lesões várias, desapercibidas embora, encontradas no exame clínico.

Embora a letalidade geral nos Estados-Unidos tivesse baixado consideravelmente nos últimos anos, um fato impressionou o dr. Fisk, é que a mortalidade não diminuira igualmente nos diversos grupos de idade.

A maior diminuição de mortalidade verificada, foi justamente no grupo de crianças até 5 anos de idade.

Aliás, esta diminuição de letalidade na infância pode servir de padrão ou índice das conquistas sanitárias da civilização contemporânea.

Entretanto, verificou o médico norte-americano que no grupo das pessoas maduras, isto é, acima de 45 anos, a mortalidade permanecia sem redução, cabendo a responsabilidade desse estado estacionário demográfico a certas doenças notadas de um caráter traiçoeiro, cuja evolução se processa, muitas vezes, sem provocar manifestações subjetivas alarmantes. Dêste modo, o processo mórbido progride, sem regime e sem tratamento, com consequências muitas vezes irremediáveis.

A mesma coisa verifica-se em relação a outras doenças peculiares á idade madura, como o câncer, a diabetes, etc., em que o êxito terapêutico depende, essencialmente, do diagnóstico precoce, evidentemente favorecido pela prática dos exames médicos periódicos.

Sob a sugestão destas idéias e por iniciativa entusiástica de Eugene Fisk, fundou-se em Nova York um instituto de exames clínicos — *Life Extension Institute*, que funcionou, inicialmente, em articulação com as Companhias de Seguro de Vida.

Os interessantes documentos estatísticos e clínicos pelos quais se pode aquilatar a atividade do Instituto, estão na obra de Fisk — "Health Building and Life Extension", 1923.

Acolhida, no início, com septicismo ou indiferença, a curiosa iniciativa acabou por firmar-se seriamente diante da opinião pública, graças principalmente a uma campanha perseverante de propaganda, a que se têm dedicado milhares

de médicos e todas as organizações sanitárias norte-americanas.

As estatísticas dos segurados da "Companhia Metropolitana de Seguros", conforme acentua o dr. Lutrario, depois de doze anos de prática dos exames periódicos, revelaram:

- a) que a mortalidade entre os examinados de todas as idades baixou de 23% em relação aos não examinados;
- b) que a mortalidade entre os examinados de 50 a 60 anos de idade baixou de 53%.

É evidente que a interessante organização imaginada pelo dr. Fisk teria sérios e insuperáveis obstáculos, se o seu Instituto se entregasse também à tarefa de formular diagnósticos e respectivos tratamentos acaso necessitados pelos pacientes aparentemente sãos. Nestes casos, o Instituto limitasse a ministrar preceitos de educação higiênica e acentua a necessidade de o consultante procurar o seu próprio médico.

A prática do exame clínico periódico já se tem estendido a outros países europeus, que vão concretizando em realidade a idéia norte-americana.

Em novo trabalho, inserto no "Office International d'Hygiene Publique", de março de 1933, o dr. Alberto Lutrario volta a focalizar um outro aspecto do método, no que concerne à sua aplicação na infância e na juventude, épocas em que muitas doenças se instalam no organismo, prejudicando a sua vitalidade no período de vida ativa.

Contribuição valiosa de criação recente, a prática dos exames médicos periódicos vem traduzir precisamente a tendência atual que se opera nos domínios da medicina, que de curativa se vai tornando essencialmente preventiva.

É sabido que a média de duração da vida humana tem variado consideravelmente, mas é de justiça acentuar que uma das mais evidentes conquistas da higiene moderna foi justamente o aumento que conseguiu trazer à duração média da vida nos países civilizados.

Louis Dublin, chefe de estatística da Companhia Metropolitana de Seguros, de Nova York, assinala, por exemplo, que na Inglaterra, no período de 1838 a 1854, a duração

média da vida era de 41 anos. De 1920 a 1922 a duração média ascendeu a 77 anos, o que evidencia uma melhoria apreciável.

Os técnicos de estatística norte-americanos, baseados em cálculos e analogias especiais, levam o seu otimismo a conceder à vida humana, em condições plenamente favoráveis, uma duração média de 100 anos, o que viria concretizar em realidade o velho sonho dos biólogos de prolongar o mais possível a dádiva da vida e protelar o instante da viagem definitiva . . .

Tudo isto, toda a complexa aparelhagem de pesquisa a serviço da inteligência humana — experiências de laboratório, interpretações estatísticas, tentativas terapêuticas, realizações sanitárias — tudo isto vem mostrar que o homem tem dentro de sua natureza um instinto indestrutível de vida, que ama a vida e quer torná-la bela e duradoura, para o aperfeiçoamento ilimitado dos destinos humanos.

MARIO MENDES CAMPOS

PALAVRAS DE MESTRES

Aumenta tuas forças, para que sejas mais útil ao teu próximo, e fortalece a tua família, a tua prole, para que fiques em condições de ser mais útil à humanidade; e para alcançar estes fins:

1.º) *adapta-te ao teu ambiente material e social e dispõe-te a conhecê-lo;*

2.º) *informa-te de quanto haja de bom em a natureza e na sociedade, e combina, na medida de tuas forças, homens e cousas a este ideal;*

3.º) *conserva e aumenta a potência do ambiente social a que pertences, e favorece os meios que cooperem para dar essa tonalidade, contribuindo, assim, para o progresso humano e induzindo os demais a que o façam também.*

AD. FERRIÈRE

Saudação às árvores

Letra de Olavo Bilac e Freitas Guimarães, música de ROMBERSAIS, especialmente para a "Revista do Ensino"

Fz.
Lira-do

pp ar-vo-res fron-ta-ri-as que en-chei

f de a-mor os ca-mi-nhos

f com can-ções de vos-sos ri-nhos

C Com ros-sas flo-res chei-ro-sas Cres-

C
C
f
pp
f
C

Côro
Cei, cres-ci na gran-de fes-ta Da luz do aro-ma e da bon-da-de,

Ar-vo-res, glô-ria da flo-re-s-ta! Ar-vo-res,

le-gra-ção da-de!

Côro:

Crescel, crescel na grande festa
Da luz, do aroma e da bondade,
Árvores, — glória da floresta!
Árvores, — alegria da cidade!

Olavo Bilac

Líndas árvores frondosas
Que encheis de amor os caminhos;
Com as canções de vossos ninhos,
Com vossas flores cheirosas.

Belas árvores floridas,
Que ergueis aos céus vossos braços
Chelas de lianas e laços,
Deus conserve vossas vidas.

Sois vós, árvores da serra,
Com os leques dos vossos ramos,
Que o ar que nós respiramos,
Fazeis mais puro na terra.

Sois vós que abrigais, nos montes,
Dos raios quentes do estio,
As águas que, em murmúrio,
Correm límpidas das fontes.

Salve, ó árvores em festa,
Que acolheis sob a esmeralda
Das frondes, se o sol escalda,
O viajor à hora da festa.

Freitas Guimarães

Interesses infantis revelados por um catálogo de livros

Irene LUSTOSA

Introdução

Procurando conhecer a natureza infantil, incluímos em nosso trabalho as pesquisas para investigação dos interesses das crianças.

Todos nós, que nos interessamos pela educação da infância, reconhecemos o alto valor das pesquisas empreendidas neste sentido. Está positivamente verificado que a criança e o adolescente não podem aprender, indiferentemente, em qualquer idade, qualquer coisa. O educador terá que organizar o ensino segundo a evolução natural da criança, considerando, em cada idade, as condições naturais do desenvolvimento. Esse assunto vem preocupando inúmeros autores, (Claparède, Vermeylem, Nagy, Ferrière e outros).

Os últimos inquéritos acerca dos interesses e ideais das crianças provaram as suas variações, relativamente á idade. Verificou-se que, apesar dessa variabilidade de acôrdo com a idade, os interesses infantis marcam um caminho determinado, sucedendo-se numa certa ordem de evolução. Essa ordem natural, verificada nos inquéritos feitos em crianças de países diferentes, fornece ao estudo psicotrópico uma indicação relativa ao crescimento da criança. (1)

Iniciando, em nossas escolas, a pesquisa dos interesses das crianças, tivemos em vista colher, de algum modo, indicações sobre as suas tendências psíquicas, procurar estabelecer as diferenças existentes entre os interesses de cada

(1) H. Antipoff — "Ideais e interesses das crianças de Belo-Horizonte". — Boletim n. 6 — 1930

sexo, e, pelas indicações colhidas, julgar o seu nível de desenvolvimento.

Para êsse estudo, usámos o processo da seleção. Pela seleção estamos buscando conhecer os interesses mais íntimos da criança, fazendo um apêlo ás aspirações que nela predominam; a seleção nos permite conhecer o interesse mais eminente, mais instintivo da criança.

Apresentando nosso trabalho, acentuamos que deve ser êle considerado, apenas, como uma pequena contribuição para melhor conhecimento das crianças mineiras em 1932.

Organização do trabalho

Afim de ser iniciado o nosso trabalho de pesquisas, foi organizado, no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, um Catálogo de 100 livros, de vinte categorias diferentes, encerrando grande variedade de assuntos.

Em uma de nossas visitas aos Grupos Escolares, onde colhíamos material para o nosso estudo psico-pedagógico experimental, apresentámos êsse catálogo ás crianças, usando a seguinte técnica:

Técnica — "Temos, aqui, um catálogo de livros que nos mandou uma livraria do Rio. Ela nos pediu que os distribuisse aos alunos das Escolas de Belo-Horizonte, afim de saber quais os livros que êles mais desejam ler. Os livros escolhidos pela maioria das crianças vão ser publicados em maior quantidade e vendidos mais baratos. Poderemos assim adquiri-los mais facilmente para nossas bibliotecas. Para isso, vocês vão ler essa lista, com muita atenção, e marcar com um traço os nomes dos livros que vocês têm mais vontade de ler. Acabando de sublinhar, vocês vão ainda escrever cinco livros que achem melhores entre os indicados e escrevam, na parte em branco da fôlha, os nomes e os números dêsses livros. Assinem, finalmente, seus nomes e escrevam suas idades. Façam sózinhos, sem conversar".

Atitude das crianças — Pudemos notar, em nossa classe, um grande interesse e naturalidade por parte das crianças em executar o trabalho, o que, de certo modo, nos detu

uma indicação sobre a atitude dessas crianças para com a leitura. Algumas crianças, satisfeitas, perguntavam quando seriam publicados esses livros, e qual seria o preço.

Em outras classes, foi também notado o mesmo interesse por parte das crianças, que faziam várias perguntas relativas ao preço dos livros, época da publicação, etc.

Como foi feito o trabalho — As indicações colhidas em cada classe foram registradas em listas organizadas do seguinte modo: em sentido horizontal, foram anotados os números dos Grupos, e, em coluna vertical, o número correspondente a cada criança, havendo uma separação dos dois sexos. Na coluna correspondente ao número de cada livro, era colocado um sinal, todas as vezes que fosse sublinhado por uma criança e acrescentávamos um círculo se fosse ele também indicado entre os cinco últimos preferidos.

Para a apuração dos resultados, grupámos os livros segundo o assunto, em: Natureza, Técnica, Saúde Corporal, Agricultura, Carácter, Distrações, História do Brasil, Patriotismo, Prazer, Amor, Aventuras, Superstições, Banditismo, Guerras, Beleza Física, Riqueza, Altruismo, Família, Religião, Luta.

Reunindo em uma lista geral esses resultados, pudemos ter uma idéia sobre os interesses das crianças de quarto ano escolar de Belo-Horizonte. As classes que participam dessas experiências eram todas mistas; o número total foi de 456 crianças, sendo 222 do sexo masculino e 234 do sexo feminino.

Damos abaixo o catálogo fictício apresentado:

Catálogo dos livros

- 1 — Vida das abelhas.
- 2 — Milagres de Nossa Senhora de Lourdes.
- 3 — Para compreender a mecânica.
- 4 — Conselhos de higiene. Como ter sempre boa saúde.
- 5 — Conselhos práticos aos agricultores.
- 6 — Como vivem os povos selvagens.

- 7 — Os grandes heróis da História do Brasil.
- 8 — Como desenvolver a força de vontade.
- 9 — Os mais belos filmes cinematográficos.
- 10 — Como se fabrica o vinho, a cachaça e licores.
- 11 — Romance de uma jovem parisiense.
- 12 — Viagem em volta do mundo, com um fuzil e um saco às costas.
- 13 — Feiticeiras, demônios e como se vira lobis-homem.
- 14 — As proezas do bandido "Mão negra".
- 15 — De Alexandre a Napoleão. Ou a história dos grandes chefes militares.
- 16 — O jogo do futebol e suas regras.
- 17 — Conselhos às moças e aos moços sobre como se devem bem vestir.
- 18 — Peter Swaan, o primeiro ricoço de Amsterdam.
- 19 — A vida pelos outros ou o sacrifício de Pedro.
- 20 — O lar feliz.
- 21 — S. Francisco de Assis: vida e obras.
- 22 — As montanhas, as flores, os insetos.
- 23 — Como captar a água para gerar a energia elétrica.
- 24 — O corpo humano. Anatomia e Fisiologia.
- 25 — Como plantar o milho, o trigo, a mandioca.
- 26 — História da Antiguidade — Egito, Grécia e Roma.
- 27 — Grandezas do Brasil.
- 28 — Conselhos aos que desejam melhorar-se a si mesmo.
- 29 — Proezas de Jimmy, o palhaço.
- 30 — Como pode cada um fazer bolos e bombons.
- 31 — A bela desconhecida.
- 32 — As aventuras do marinheiro Fernerano.
- 33 — Cartomancia. Como ler a sorte por meio das cartas de baralho.
- 34 — Os bandidos de Nova York.
- 35 — As mais célebres batalhas européias.
- 36 — Jimmy e Jack, os dois célebres boxadores.

- 37 — Conselhos ás moças e aos moços sôbre como ter sempre bela cabeleira.
- 38 — Como se chega a milionário ou a arte de ficar rico.
- 39 — Para ajudar os infelizes.
- 40 — Pai, Mãe e Filhos.
- 41 — Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.
- 42 — Como secar e conservar as plantas.
- 43 — A telegrafia sem fio.
- 44 — A fotografia. (Como obter boas fotografias).
- 45 — Pequeno guia para quem tratar de seus dentes.
- 46 — Como ter sempre uma boa horta.
- 47 — Como vivem os habitantes das regiões polares.
- 48 — A maneira de cada um ser útil á sua pátria.
- 49 — Nossos maus conselheiros: o orgulho e a vaidade.
- 50 — Como a gente se diverte nas diferentes partes do mundo.
- 51 — Manual do perfeito cosinheiro.
- 52 — O encontro da princeza Tatiana e do nobre prisioneiro.
- 53 — Como João Glauco lutou com as almas do outro mundo.
- 54 — Almas e vozes do outro mundo.
- 55 — A vida dos ladrões e assassinos, contada por eles mesmos.
- 56 — Os combates entre os brancos e os vermelhos.
- 57 — Como acabou a luta entre o conde de Altavilla e o duque de Extremós.
- 58 — O segredo da elegância pessoal.
- 59 — As minas de ouro e como as descobrir.
- 60 — As obras de caridade.
- 61 — O sorriso da mãe.
- 62 — História Sagrada.
- 63 — Os rios e as mais célebres quedas de água do mundo.

- 64 — Breve manual de astronomia. Como observar o céu.
- 65 — A transfusão do sangue.
- 66 — O bom criador de galinhas.
- 67 — Revolução Francêsa.
- 68 — Os maiores cientistas brasileiros.
- 69 — Para desenvolver a intelligência.
- 70 — Cincoenta dos melhores jogos de salão.
- 71 — História dos maiores comilões da humanidade.
- 72 — O príncipe encantador.
- 73 — Naufrágio em pleno mar.
- 74 — Os milagres do faquir Tabor.
- 75 — Façanhas do bandoleiro "Lampeão".
- 76 — A tomada do forte de Abd-Hir.
- 77 — Como Joe se tornou um grande lutador.
- 78 — A arte de escolher belas meias, lenços e gravatas.
- 79 — As joias e colares da princesa Adelia.
- 80 — Protejamos os animais.
- 81 — O amor filial.
- 82 — História de Santa Terezinha do Menino Jesus, contada por ela mesma.
- 83 — As florestas virgens.
- 84 — Locomotivas a vapor e a electricidade. (Como são construídas).
- 85 — Farmácia portátil.
- 86 — Verdadeiro método de tratar as plantas.
- 87 — Lenine e a Russia comunista.
- 88 — Como vive, pensa e age o povo brasileiro.
- 89 — Como lutar contra as fraquezas de caráter.
- 90 — Regras de jôgo de cartas (baralho).
- 91 — Como Juquinha aprendeu a fumar.
- 92 — Os amores do poeta.
- 93 — Aventuras de um jovem canadense no planeta Marte.
- 94 — O espiritismo e as mesas que rodam.
- 95 — Como foi que assaltaram o Banco Simson.
- 96 — Ao som da metralhadora e do canhão.

- 97 — "Jiu-jitsu" ou a luta japonesa. (Os melhores golpes com que se deve alguém defender, numa luta livre).
- 98 — Como ser atraente, na sociedade e agradar ás outras pessoas.
- 99 — Para ganhar muito dinheiro !
- 100 — "Um por todos; todos por um".
- 101 — A vida dos órfãos.
- 102 — História de um homem feliz: suas refeições, seu sono e suas distrações.

Interesses. — Tendencias reveladas

Através das preferências reveladas, podemos colher algumas indicações sobre as tendências íntimas que as determinaram. Essas tendências são numerosas e, qualquer classificação nesse sentido, será sempre arbitrária, como diz Larguier de Bancel. Podemos, entretanto, segundo esse mesmo autor, reuni-las num quadro: nutrição, conhecimento do meio, defesa e reprodução.

Esses instintos, porém, se manifestam de diferentes formas, mais ou menos elevadas, segundo vários fatores, como: a idade, o sexo, as diferenças individuais, o grau de civilização, a educação, etc.

Segundo alguns autores, são esses instintos primordiais que se desdobram e aperfeiçoam, encerrando tendências múltiplas e dando origem a todas as manifestações do individuo; segundo outros, novos instintos aparecem com o seu desenvolvimento.

Após essas forças vitais que são ligadas a tendências primitivas aparecem os instintos plásticos em que a intervenção conciente se acentua. (1)

Esses instintos não visam já a conservação e satisfação do eu, mas, o seu aperfeiçoamento e o emprêgo de suas forças em benefício alheio.

(1) F. de Vasconcellos.

Sendo os interesses a revelação de tendências íntimas e, seguindo esses interesses uma determinada etapa de evolução, como afirma Claparède, podemos, através de sua análise, avaliar a etapa ou o grau de desenvolvimento em que se acham as mesmas crianças. No interesse por prazeres orgânicos, saúde corporal, podemos ver manifestações da tendência por nutrição, conservação do eu orgânico.

A preferência pelos livros relacionados com a Natureza, Agricultura, Técnica, poderão revelar-nos a necessidade de conhecimentos do meio.

Uma curiosidade mais intelectual e de satisfação mais imediata podemos verificar nos interesses por História do Brasil, Patriotismo, História Universal.

Os interesses pelo banditismo, guerras, lutas, podem ser indícios de instintos de defesa, que são tão numerosos e encerram múltiplas tendências.

Será possível pesquisar o instinto de reprodução que, como diz Larguier de Bancel, se faz acompanhar de variadas manifestações, nos interesses por assuntos altruísticos, concernentes a personalidades e, segundo alguns autores, os referentes á religião serão a revelação de sentimentos elevados, aperfeiçoados, que já não buscam, como dissemos acima, a satisfação do eu.

Apureação dos resultados

Entre as crianças que tomaram parte — O total de respostas obtidas quanto aos livros sublinhados foi de 12.471, sendo 7.445 para as meninas, e 5.026 para os meninos.

Resultados — O que primeiramente se salienta neste trabalho é a prolixidade das meninas, excedendo em 2.419 ao número de respostas dadas pelos meninos, quando o número de meninas que concorreram á experiência é apenas de 12 a mais.

Lista dos livros — Os interesses predominantes dos meninos, quando fizeram a *indicação geral*, foram: Religião, Banditismo, Aventuras, Guerras, História Universal, conforme a tabela abaixo:

1 — Religião	514 indicações	ou	10,22 %
2 — Banditismo	505	" "	10,04 %
3 — Aventuras	369	" "	7,34 %
4 — Guerras	346	" "	6,88 %
5 — H. Universal	345	" "	6,86 %
6 — H. do Brasil Pat.	306	" "	6,08 %
7 — Luta	300	" "	5,96 %
8 — Família	246	" "	4,89 %
9 — Superstição	242	" "	4,81 %
10 — Distrações	210	" "	4,17 %
11 — Natureza	203	" "	4,03 %
12 — Amor	202	" "	4,01 %
13 — Prazer org.	201	" "	3,99 %
14 — Riqueza	193	" "	3,84 %
15 — Altruismo	190	" "	3,78 %
16 — Técnica	173	" "	3,44 %
17 — Agricultura	172	" "	3,42 %
18 — Caráter	147	" "	2,92 %
19 — Saude Corporal	144	" "	2,86 %
20 — Beleza Física	118	" "	2,34 %

Na seleção dos cinco livros preferidos, onde a criança deveria determinar, mais precisamente, a sua preferência, notamos que predominaram ainda aqueles cinco primeiros, conforme se vê na tabela abaixo:

1 — Religião	198 indicações	ou	18,60 %
2 — Banditismo	183	" "	17,19 %
3 — Aventuras	73	" "	6,86 %
4 — Guerras	67	" "	6,29 %
5 — Hist. Universal	67	" "	6,29 %
6 — Luta	66	" "	6,20 %
7 — Amor	59	" "	5,54 %
8 — Família	56	" "	5,26 %
9 — H. do Brasil Pat.	50	" "	4,69 %
10 — Natureza	38	" "	3,57 %
11 — Prazeres org.	30	" "	2,81 %
12 — Técnica	29	" "	2,72 %

13 — Agricultura	29	" "	2,72 %
14 — Distrações	29	" "	2,72 %
15 — Superstições	29	" "	2,72 %
16 — Riquezas	20	" "	1,87 %
17 — Altruismo	20	" "	1,87 %
18 — Saúde e higiene	17	" "	1,59 %
19 — Caráter	11	" "	1,03 %
20 — Beleza física	3	" "	0,28 %

Comparando os resultados obtidos pela indicação geral dos livros e pela indicação dos 5 preferidos, notamos ainda que entre os outros interesses houve algumas alterações, assim: Amor, Técnica e Agricultura, tiveram porcentagem maior nessa última, ao passo que foram sacrificados: História do Brasil e Patriotismo, Superstições e Distrações. (Vide gráfico n. 1).

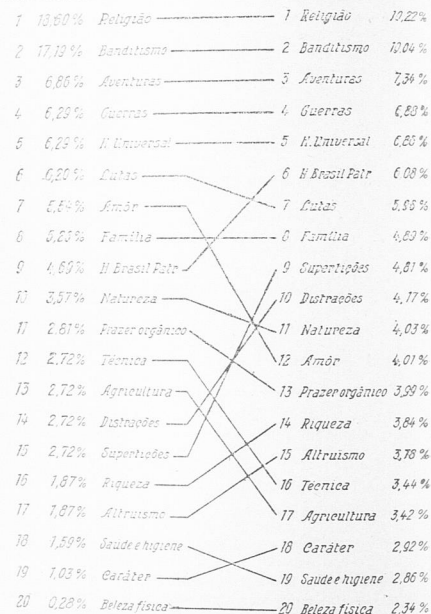
Na escolha geral feita pelas crianças do sexo feminino, houve predominância dos interesses por: Religião, Família, Amor, que foram também os primeiros na seleção dos cinco preferidos, conforme se vê nas tabelas abaixo:

Indicação geral

1 — Religião	766 indicações	ou	10,28 %
2 — Família	663	" "	9,17 %
3 — Amor	546	" "	7,33 %
4 — Prazer orgânico	426	" "	5,72 %
5 — Banditismo	416	" "	5,58 %
6 — Natureza	404	" "	5,42 %
7 — Aventuras	397	" "	5,33 %
8 — Riqueza	385	" "	5,17 %
9 — Altruismo	390	" "	5,10 %
10 — H. do Brasil Pat.	371	" "	4,98 %
11 — Superstição	349	" "	4,68 %
12 — Agricultura	348	" "	4,67 %
13 — H. Universal	313	" "	4,20 %

GRÁFICO N. 1

CINCO ESCOLHIDOS



14 — Saúde e higiene	282	"	"	3,78 %
15 — Caráter	274	"	"	3,68 %
16 — Guerras	267	"	"	3,58 %
17 — Beleza física	262	"	"	3,58 %
18 — Distrações	248	"	"	3,33 %
19 — Luta	200	"	"	2,68 %
20 — Técnica	128	"	"	1,81 %

Cinco escolhidos:

1 — Religião	346 indicações	ou	30,67 %
2 — Família	186	"	16,48 %
3 — Amor	120	"	10,63 %
4 — Natureza	56	"	4,96 %
5 — Banditismo	49	"	4,89 %
6 — Patriotismo	43	"	3,81 %
7 — Superstição	41	"	3,63 %
8 — Riqueza	40	"	3,54 %
9 — Prazer orgânico	38	"	3,36 %
10 — Aventuras	38	"	3,36 %
11 — Agricultura	35	"	3,10 %
12 — Saúde e higiene	27	"	2,39 %
13 — Altruismo	27	"	2,39 %
14 — H. Universal	24	"	2,12 %
15 — Beleza física	14	"	1,24 %
16 — Distrações	12	"	1,06 %
17 — Caráter	11	"	0,97 %
18 — Técnica	9	"	0,79 %
19 — Guerras	7	"	0,62 %
20 — Luta	5	"	0,44 %

Tiveram uma porcentagem maior na seleção dos 5 livros preferidos (a curiosidade pode constituir talvez a causa desta preferência), os interesses pela Natureza, História do Brasil e Patriotismo, Superstição, enquanto foram sacrifica-

GRÁFICO N. 2

Correlação

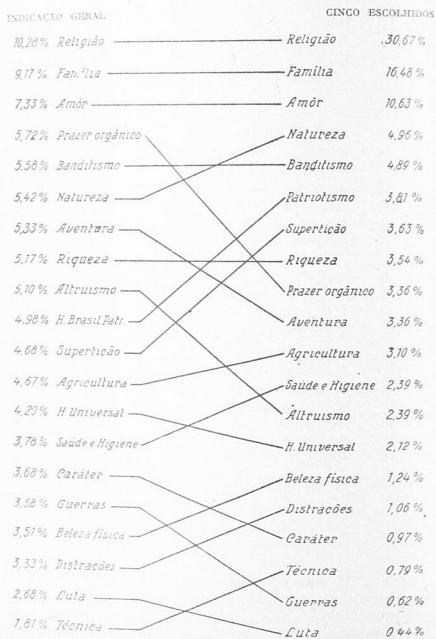


GRÁFICO N. 3

Os interesses comparativos nos dois sexos

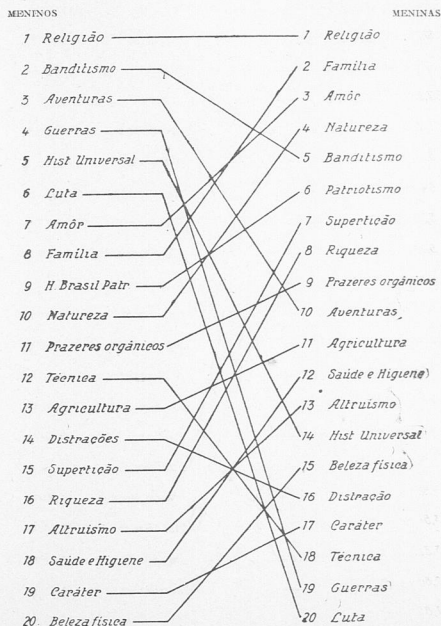
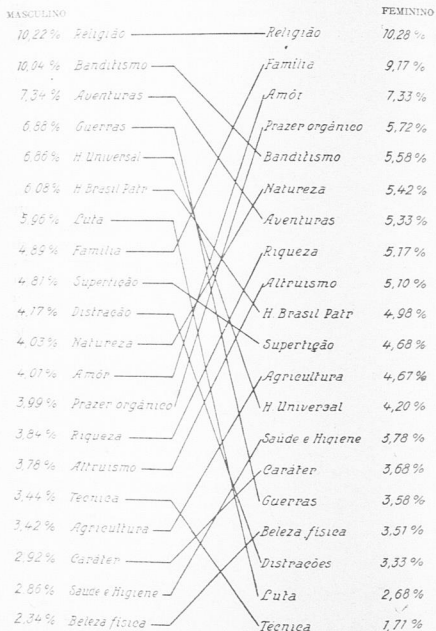


GRÁFICO N. 4



dos: Prazeres orgânicos, Aventuras, Altruismo, Caráter e Guerras.

Entre os outros interesses, houve apenas alterações, sendo que alguns, como Riqueza e Banditismo, entraram numa relação, tanto na indicação geral como na seleção dos 5 livros preferidos.

Achámos curioso o fato de ter o interesse pelo banditismo ocupado o 5.º lugar na escolha das meninas, o que não era de se esperar. (Vide gráfico n. 3).

Analizando ainda os resultados de ambos os sexos, concluímos que o interesse dominante entre eles é pelos livros de religião, e, os outros, variam de modo característico.

Conforme se pode ver, nos gráficos abaixo, onde estabelecemos a relação entre a escolha geral feita por ambos os sexos e também em relação entre os cinco livros escolhidos por um e outro, a religião ocupa sempre o primeiro lugar. Salienta-se nas meninas uma tendência acentuada pelos interesses de família, amor, natureza, enquanto os meninos se destaca o gosto pelo banditismo, aventuras, guerras e história universal. (Vide gráfico n. 4).

Pelo gráfico apresentado, pode-se verificar a grande diferença na preferência revelada pelos dois sexos: Lutas e Guerras, pela indicação dos meninos, ocuparam os primeiros lugares, sendo os dois últimos na escolha feita pelas meninas. Enquanto os interesses pela Família, Amor, Natureza, Superstição, Riqueza, ocuparam os lugares mais elevados para as meninas, foram numa porcentagem menor escolhidos pelos meninos.

(Continúa)

Resposta a uma pergunta

Waldemar PRADO

"Não sei como fazer para que os meus alunos entendam que o rio S. Francisco corre de sul para norte.

PROF. X."

*

Preliminarmente desejamos saber se:

- a) a aula é dada com o mapa ou com o relêvo?
- b) em que posição é êle colocado para a lição?

*

"Uso o relêvo.

Coloco-o pendurado á frente da classe."

*

Os seus alunos têm razão para não entender como um rio pode assim subir.

Houve má técnica na aula preparatória. Supomos que as suas crianças não sabem se orientar. Geralmente dizemos que o norte está em cima e o sul em baixo. Saberão mais que, conforme a posição que tomarmos, o norte ficará á nossa frente ou á nossa esquerda? Se se dá o lado direito para o nascente do sol, o norte estará á frente. A orientação, no relêvo, será a mesma descrita acima. O relêvo não pode ser pendurado, mas colocado no chão ou sobre a mesa, em posição horizontal. Conhecida essa preliminar, nada mais fácil e compreenderão porque o rio corre de sul para norte.

*

Usemos um processo melhor. Levemos as crianças para o recreio. Orientemo-las. Tracemos o esboço de Minas no sólo, de tal forma que, como no mapa, fique o *craneo* voltado para o norte. Sabendo-se que o rio S. Francisco nasce no sul e vai para o norte, seria o mesmo que se descobrir na localidade escolar um rio que siga a mesma direcção.

Na prática dão-se equívocos lamentáveis. A pergunta que nos foi feita se enquadra perfeitamente nas nossas ponderações.

Estamos certo de que, se seguir e agir com cuidado e tacto, segundo a técnica que recomendamos, os seus alunos terão noção segura de norte e sul.

Não se precipite nunca. A calma é uma das melhores auxiliares do professor.

Quantos não se sentem embaraçados com uma pergunta ingénua do aluno e não têm a calma necessária para uma resposta segura.

Estaremos ao seu dispôr e responderemos as perguntas que nos propuzer.

WALDEMAR PRADO

PALAVRAS DE MESTRES

A criança só ouve falar: falam-lhe desde a manhã até a noite; todos se preocupam com a lingua; ninguém se preocupa com as mãos. Entretanto, é preciso educar as mãos. E o que mais educa as mãos são os trabalhos manuais.

Os trabalhos manuais — ao educar as mãos — não fazem apenas isso, pois que está definitivamente estabelecida a teoria psicológica dos trabalhos manuais. Esta teoria basea-se no fato de todo movimento conciente ter sua origem nos centros motores do cérebro. O pensamento sem ação não educa a vontade. Todo movimento muscular repercute nas células do cérebro, mediante as sensações, e se fixa nos centros receptores por imagens e percepções.

R. LLOPIS

A excursão na escola primária

Luíza Oliveira de FARIA
(Professora do grupo escolar de Araxá)

I

A excursão através da história

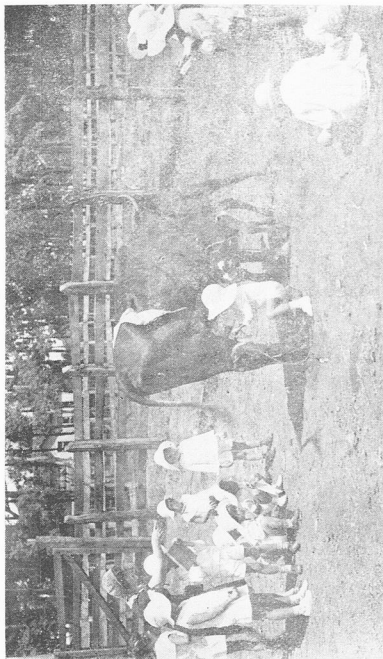
Jesus, o Mestre dos Mestres, ensinava aos seus discípulos neste recinto imenso que tem por teto a abóbada azul dos céus, por cátedra a verda relva e por limites o contórno sinuoso do horizonte.

A vida do grande Mestre percorreu em pleno contacto com a natureza: — teve por berço o presépio de Belém, sob as cortinas da gaze azul dos céus bordados de estrêlas, e por câmara mortuária, o alto do Calvário.

A copa virente das árvores era o pálio sagrado que o abrigava constantemente ao proferir suas lições sublimes. Voltendo as páginas da História de nossa civilização, ouvimos um Pestalozzi dizer que "não se aprende sinão pelas próprias impressões; — a verdadeira escola é a escola do movimento e da vida"; encontramos um Rousseau, que sómente através das viagens ensina ao seu Emilio as ciências físicas, a astronomia e o geografia.

Aquele grande pedagogo do século XVIII declara que a maior necessidade da criança é conhecer o meio físico em que vive para poder nele viver. Ele só ensina ao seu discípulo aquilo que se pode aprender em plena natureza. A sua primeira lição de cosmografia é dada ante o panorama do sol nascente, do qual fez uma descrição que se tornou célebre! Mesmo em face da natureza, dizia êle, nada de dissertações: o fato é por si mesmo assás sugestivo. Quanto ao ensino da geografia, (esta pobre matéria tão mal interpretada em nossas escolas!) aquele pedagogo foi considerado o protótipo dos renovadores. Foi o pai da geografia local. São textuais as advertências que aquí transcrevo: "Quereis en-

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELO HORIZONTE



Escola Infantil "Delfim Moreira" — Tirando o leite

sinar geografia aos vossos discípulos, e ides buscar globos e mapas e cartas! Que puro mecanismo! No tempo em que buscais todas estas representações, porque não lhes mostrais o próprio objeto, afim de que saibam ao menos do que se trata? A geografia deve ser ensinada pela natureza e não pelas cartas. Ela compreende o estudo da casa paterna, dos campos que a contornam, dos ribeiros que aí se encontram, do aspecto do solo e da orientação neste local. A criança, a própria criança é que irá formar o mapa da sua pequena terra natal, já por ela conhecida e observada. Vêde quanta diferença: estudar pelo mapa e estudar o meio em que se vive, para formar um mapa!"

Decroly, o grande educador de Bruxelas, cujas idéias têm por um lado merecido tantas controvérsias, reservava, em suas escolas, as primeiras horas do dia para as excursões com seus alunos: pesca de animais aquáticos, colheita de insetos, visitas ás usinas, fábricas, museus, gares e visitas a domicilio.

O ensino direto economiza o tempo e as palavras. Se pretende o professor ensinar á classe o que é um rio, e fazer notar a sua corrente irregular sôbre a terra, não será com a célebre expressão "rio é uma corrente de água, etc", ou por meio do traçado de uma linha sinuosa no quadro, porque aquele risquinho branco de giz não é rio, nem água, e nem se parece com isto. A pobre criança olha para aquilo com muita atenção, mas o seu pensamento está muito distante de um rio. O objeto deve ser mostrado na natureza, tal qual êle é. "As lições de coisas tais como se dão em nossas escolas não são lições de coisas, são lições de gravuras, lições de figurinhas, lições de palavras".

Desenhar no quadro uma árvore coberta de flores em *nossa terra de palmares sempre em flôr*, é um absurdo! E' o cúmulo! E' preciso ligar a vida ao livro, é preciso observar a vida com todas as suas coisas e fatos, para depois fazer no livro um confronto do que se tem visto e observado. A excursão vem exatamente preencher esta necessidade. O verdadeiro professor é aquele que a cada passo descobre um:

oportunidade para abrir de par em par as portas de sua aula e dar expansão áquele turbilhão de olhinhos ávidos de curiosidade para tudo o que os cerca. Não é perder tempo dar um passeio ao redor do prédio, mostrando os acidentes no chão do pátio, fazendo sentir o frio ou o calor do sol sobre a pele, observando a diligente formiguinha ou a importuna mosca, contemplando o movimento das ruas com os seus barulhentos veículos ou a quietude de uma estrada por onde roda e geme longamente o carro de bois. Não é perder tempo mostrar tudo isto às criancinhas. Podemos mesmo acrescentar que antes saírem passeando atoa do que ficarem dentro da sala, recebendo a força uma porção de noções que seriam esquecidas amanhã ou depois. Levemos, pois, sempre que for possível, os nossos alunos para fora da escola, ou antes, para dentro da escola, pois que a realidade é a única escola capaz de fortalecer uma vida e de formar um caráter. A escola que se restringe, imutavelmente, às quatro paredes, é a cadeia da infância. é "a prisão que irrita, que coage, que falsifica, que enferma, que amargura a alma". "O ideal do ensino moderno seria este: os alunos verem com os seus olhos, ouvirem com os seus ouvidos, pegarem com as suas mãos, aplicarem, finalmente, todos os sentidos, tomarem conhecimento direto com todas as coisas e fenômenos da natureza, comentarem, discutirem, fazerem as suas experiências. E neste caso a sala de aula não passaria de um lugar de descanso, onde serenamente pudessem recordar pelos desenhos e quadros e composições e palestras tudo aquilo que aprenderam lá fora por meio da aplicação direta dos sentidos".

Uma excursão é a verdadeira realização do ensino pelo método direto, porque este é o elemento essencial daquela.

II

A excursão na escola primária

A escola é um preparo para a vida, dizem alguns autores; a escola é uma vida, acrescentam outros. Todavia, as

nossas escolas não têm sido nem vida e nem preparo para a vida. Elas têm sido antes o cárcere da vida. Deixai que um ser humano transcorra a vida entre 4 paredes e vereis em resultado um atrofiado, um anormal, um neurastênico, um degenerado físico e mental. A escola que, entre os pequenos intervalos de um recreio, coage a criança quatro horas por dia, 80 por mês ou 800 por ano a ouvir coisas que ela não compreende nem pode assimilar, a escola da memória e do formalismo, sem outra finalidade que não seja o quadro negro, mapas e gravuras, e onde as paredes nuas e mudas arrematam um cenário morto, a escola que apresenta esta inércia e quietude, não é escola, não é vida, é a negação da própria vida. E destas escolas há muitas ainda em toda parte! A inquietação, a impaciência, a distração, o sono, a indisciplina, a revolta, são armas de defesa contra o sistema de coerção nestas escolas. A criança não é uma planta de estufa: a sua constituição física e psíquica exige o ar, a luz, o movimento. É uma personalidade dinâmica incompatível com a inércia e refratária à monotonia. O movimento é a lei universal. O caráter rígido do ambiente escolar não está de acordo com uma natureza em formação e muito menos com uma mentalidade que se desenvolve.

A criança é uma crisálida que desata as asas para a vida, e por conseguinte necessita frequentemente de deixar o ambiente restrito de uma sala e sair ao ar, e contemplar o espaço, e sentir a vida em todas as suas circunstâncias, para melhor viver, aprendendo e compreendendo as coisas.

III

Fins de uma excursão

Uma excursão tem por fim a aquisição direta de conhecimentos. Estes conhecimentos podem ser especiais ou gerais. No primeiro caso, a excursão não é mais do que um passeio, comporta, especialmente, uma disciplina, dura pouco tempo. Ex.: o professor convida: "Vamos ali fora para vo-

cês verem o céu, as nuvens, o sol, a terra, os montes e o horizonte". "Vamos visitar os colegas do 3.º ano e assistir-lhes a aula de aritmética" (naturalmente com prévio aviso), etc., etc. No segundo caso comporta noções gerais e abrange todo o horário escolar.

IV

Valores de uma excursão

Uma excursão tem valores físicos, intelectuais, morais e cívicos.

Valor físico — A marcha natural pelas estradas; o canto, a respiração do ar puro do campo; o aumento da percepção visual que se distende pelas campinas verdes; a marcha ritmada ao ar livre à sombra das árvores; a atividade da circulação; o aumento da transpiração, o favorecimento da digestão, etc., etc.

Valor intelectual — Favorece todas as faculdades intelectuais — a percepção, a memória, a imaginação, a linguagem e o raciocínio. Segundo Pestalozzi, *sómente a percepção sensível das coisas pode servir de fundamento à educação intelectual*.

Valor moral — Desperta os sentimentos afetivos da criança: o amor recíproco, a amizade, a confiança, o prazer, o coleguismo, a disposição para o trabalho, o devotamento à escola, a familiaridade, a franqueza, etc.

Valor cívico — Desperta o amor à sua terra natal pela observação direta do seu progresso, das suas artes, dos seus ofícios, da sua lavoura, indústria e comércio, das suas autoridades e da sua história. É preciso conviver com a Pátria para saber amá-la, diz um grande escritor. "Se temos por exemplo, uma amiguinha que mora perto, não nos contentáramos por certo com a contemplação do seu retrato". Assim é a nossa Pátria, com relação ao seu símbolo que é a sua Bandeira. A instrução cívica dada perante o estandarte da Pátria pode ser variada, interessante e complexa, mas não é perfeita porque foi uma lição formal e figurada. Não teve

valor educativo porque *só a prática é capaz de educar*. "É preciso sair fora da escola", dizia Augèl.

Para um professor nunca haverá oportunidade mais feliz que uma excursão, em que conhecerá a personalidade de seus alunos, numa convivência íntima e expansiva.

V

Como se organiza uma excursão

Não se pode fazer uma excursão a certa distância sem um plano preestabelecido. Não se pode fazer este plano sem o conhecimento do local. O primeiro passo de uma excursão é, pois, o *conhecimento do local pelo professor*. Por esta visita prévia ficará capacitado da distância, que nunca deve ser exagerada para um trajeto a pé. As excursões a pé são as melhores, em todos os sentidos; todavia, surge às vezes a necessidade de conhecer um ponto distante, e, então, não há remédio senão irmos de outro modo.

Em segundo lugar, a excursão deve ser motivada, deve ter um objetivo, deve ser desejada pelos alunos.

Em 1932 fiz uma excursão ao Pau de Bingu com uma classe de 1.º ano. Os resultados não foram satisfatórios porque não estudei previamente o local e não preparei com antecedência um bom plano. Foi um passeio quasi de improviso, um desperdício de grande parcela de tempo. Além disto a distância de 3 kms. foi exagerada para alunos de 1.º ano.

Em 18 de agosto de 1933 fizemos uma excursão ao Matadouro Municipal. Foi esta uma excursão em regra, e de grande proveito. Esta excursão forneceu matéria para 8 aulas completas com bastante interesse.

VI

Desvantagens de uma excursão mal organizada

São duas as desvantagens de uma excursão:

1.ª — A professora não procurou conhecer previamente o lugar;

2.º — Não preparou suficientemente o seu plano.

Em outro ponto dêste estudo eu disse que mais valeria os alunos saírem passeando atôa do que ficarem retidos dentro da classe aprendendo á força coisas que não lhes interessam. Se êstes alunos, entretanto, saem a passear ao lado de uma professora que não se preparou devidamente para os conduzir, o prejuizo dêstes alunos será incalculável. Em primeiro lugar, esta professora, não guiada ou orientado por um plano, só verá em tôrno de si a desordem e a anarquia. O ensino será contraproducente. Em segundo lugar, terá que ver com um turbilhão de perguntas desordenadas, às quais responderá por evasivas ou incoerências.

Mais vale nada aprender, que aprender coisas erradas.

O trajeto de uma excursão é assunto que de antemão deve ser estudado pelo professor, com muito critério, com muito cuidado e com muito amor. Se no desdobrar dêste trabalho surgirem, porventura, problemas imprevistos, a habilidade do professor saberá levá-los a um campo de posteriores estudos, que poderão ir gradualmente satisfazendo a curiosidade de seus alunos.

LUIZA OLIVEIRA DE FÁRIA

AVISO AOS PROFESSORES E ASSINANTES

Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a "Revista do "Ensino" não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.

Socialização da Escola

Maria José de Melo PAIVA

(Vice-diretora da Escola Normal-Modelo, de Belo Horizonte)

Entre os interessantes trabalhos que apareceram no correr da Semana Pedagógica, ultimamente realizada nesta Capital, sobressai o que abaixo publicamos. Nele se vê focalizado um dos mais palpitantes assuntos da escola moderna e por êle temos uma idéia bem nítida do que vai sendo a prática dos processos educativos em nossos melhores estabelecimentos de ensino normal.

Iniciando minha apreciação sôbre socialização da escola, quero deixar bem claro no espírito daqueles que me ouvem, que nenhuma preocupação tive ao esboçar este trabalho, de elaborar uma peça literária rica de citações. Um único pensamento me estimulou: — o cumprimento de um dever de colaboração.

Contar ás minhas colegas aquilo que o experiência de dois anos de trabalho me fez compreender melhor, é o que apenas desejo fazer neste momento.

Se os estudos que fiz sôbre a escola nova, cursando a Escola de Aperfeiçoamento, me levaram a acreditar que a socialização seria o centro de toda a reforma dos métodos e processos de ensino, a prática dessa mesma socialização veiu dar-me a convicção de seu imenso valor no movimento renovador pedagógico que nos levará a realizar integralmente a grande obra educacional iniciada no quatrienio passado e tão sabiamente continuada e aperfeiçoada pelo nosso atual Secretário da Educação, exmo. sr. dr. Noraldino Lima.

E' do conhecimento de todos a finalidade da escola renovada, da escola que pretende desenvolver a capacidade de pensar e apreciar, de raciocinar e de agir; da escola que dá mais importância ao que a criança e o adolescente fazem do que áquilo que sabem; da escola que instrue para educar, visando preparar o educando pela vida, para a vida e para Deus.

Se o fim da escola é educar, se essa educação deve ser feita num ambiente de vida, todos os meios de que dispõe para atingir esse fim deve ser rico de vida, de vida material e vida espiritual.

A socialização bem compreendida é capaz de vitalizar todos os processos de ensino, de coordenar todas as atividades, de assegurar um trabalho educativo eficiente, melhorando, aperfeiçoando, aprimorando caracteres, provocando revelações de ordem intelectual ou moral, obtendo às vezes conversões, formando personalidades, que serão a esperança do Brasil de amanhã.

A socialização da escola é necessária; exigem-na as ideias modernas de educação.

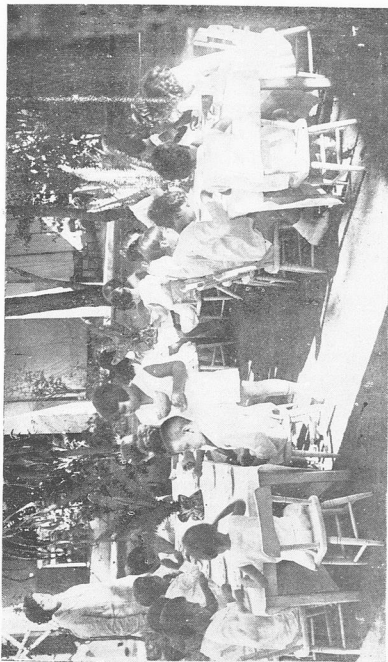
Tomando como ponto de partida de todo o trabalho educativo a atividade investigadora e experimental do educando, a iniciativa e espontaneidade do mesmo, a escola de hoje apresenta um aspecto inteiramente diverso daquela de há alguns anos atrás. A criança aprende agora trabalhando em uma colmeia de atividades educativas.

Rejeita a escola nova a instrução abstrata, artificial e verbal, para fazer apelo ao esforço espontâneo e alegre e à participação efetiva da criança, cultivando suas atividades manuais, intelectuais, morais, e sociais para fundar toda a obra educativa sobre sua natureza e suas necessidades.

A sala de aula deixou de ser a sala-auditório, em que o aluno recebia passivamente as lições, para ser um laboratório, uma oficina em que se procuram, na atividade organizada, a fonte principal de aquisição e o meio de expressão dos conhecimentos e experiências adquiridas.

A escola de hoje, em vez de deixar a criança apreciar as coisas já feitas, que encantam o espírito, talvez, mas não tem grande alcance educativo, pretende pôr os alunos em contacto freqüente com a natureza, com as coisas que êle deve fazer, porque só assim encontrará um campo fértil de observações, um mundo cheio de sugestões, onde possa enriquecer as suas experiências.

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM BELO HORIZONTE



Escola Infantil "De Fim Moreira" — Comendo o doce de leite

A escola dessa maneira transformada modificou grandemente as relações entre mestres e alunos. Mestre e alunos se completam num mesmo trabalho educativo.

Essa solidariedade de ação de que ambos participam, longe de diminuir a influência do mestre, torna-o maior e melhor, elevando-o ás culturas de educador, que sabe confundir-se com os alunos e conquistar essa estima, êsse prestígio, essa autoridade que provem da força moral e do trabalho feito em comum.

Vimos que os ideais de educação nos tempos modernos exigem transformação do ambiente escolar, transformação dos metodos e processos de ensino, transformação na atitude do mestre.

Conseguir toda essa transformação, atacando de frente cada um dos problemas, seria difícil.

Era preciso que surgisse uma força estimuladora, controladora e coordenadora de todo êsse grande trabalho, que tudo transformasse lentamente, suavemente, insensivelmente.

Eis que aparece a Socialização. O seu verdadeiro sentido é este: não se limita ela á fundação de gremios e clubes, á organização de auditorios ou reuniões sociais, de jornais escolares ou excursões.

A socialização não vive apenas no campo das atividades extra-programa, mas se estende a toda a vida escolar.

E' o elo que une o aluno ao professor e estes á escola, tornando esta semelhante a uma grande familia ou a uma pequena sociedade, palpitante de vida.

Seu sistema baseia-se na energia espontânea da cooperação e seu programa tanto visa a formação da personalidade como a formação do sentimento social e religioso.

A escola verdadeiramente socializada é aquela que tem por objetivo dar ao aluno qualidades e hábitos que lhe possam assegurar a convivência harmoniosa com seus semelhantes, tornando-o assim capaz de agir sôbre estes e com estes no sentido de uma perfeição maior.

"A socialização deve surgir da influência total da escola sôbre os alunos e não da influência sôbre estes de uma

parte da escola apenas". As atividades essencialmente socializadoras, que são as atividades extra-programa, devem influir também ainda que indiretamente, no aperfeiçoamento dos métodos e processos de ensino e na disciplina escolar, para que tenhamos a escola inteiramente socializada.

A escola precisa ter um programa construtivo e não se limitar a proibições; estas devem ser substituídas por atividades.

Se a escola não existe exclusivamente para incrementar atividades extra-programa, ela também não foi criada mais exclusivamente para trabalhos escolares, no sentido restrito da palavra. Uns são complementares dos outros.

As atividades extra-programa ou, melhor, atividades extra-classe devem entrar nas atividades curriculares, isto é, fazer parte integrante do plano de estudo e receber no horário da escola o tempo que merecem.

A escola inteira deve tomar parte nestas atividades, sem que sejam elas obrigatórias. A coerção viria viciar, desde o início, o que de mais elevado existe na participação.

Despertar o interesse para se conseguir o maior número de adeptos é o nosso dever.

As atividades extra-classe devem ser compreendidas por todo o corpo docente e receber dele todo o apoio.

O mestre é o organizador nato destas atividades, mas deve agir não como dominador, o que levaria á desintegração delas, mas como guia ou conselheiro.

As atividades extra-classe devem coordenar todas as atividades.

Tudo isto tem sido realizado na Escola Normal de Belo-Horizonte.

De acôrdo com o novo programa de português, temos desde 1933 todos os grêmios literários como trabalho complementar das aulas. Cada classe tem seu grêmio organizado. Semanalmente, dentro do horário de português, ou ás vezes numa hora de socialização, há reunião para apresentação dos trabalhos e discussão dos planos presidida pela diretora

com a assistência da socializadora, e tanto quanto possível, do professor da cadeira.

Uma vez por mês, as várias classes do 1.º ano, se reúnem no auditório sob a presidência de uma das diretoras das classes de 1.º ano.

São apresentados os melhores trabalhos realizados durante o mês pelas diferentes turmas, havendo ás vezes, pequenos torneios dos trabalhos literários. A mesma organização obedecem os gremios do 2.º e 3.º ano.

Esse sistema hoje em vigor na escola tem por base estimular mais o trabalho das alunas e dar oportunidade, a maior número delas, de desenvolver as qualidades de iniciativa, de responsabilidade, de organização, de liderança.

Várias reuniões sociais ou reuniões solenes promovidas pelos grêmios têm confirmado o que digo.

Este ano vimos a recepção ás calouras inteiramente diferente dos "trotos" grosseiros. Um cunho de intelectualidade, de espiritualidade, de delicadeza, foi o apanágio dessa hora de mais íntima convivência.

No ano passado tivemos, para não citar muitas, a reunião do grêmio "Olavo Bilac", organizada para inaugurar o retrato do seu patrono, retrato este que foi desenhado pelas próprias alunas. Esta reunião foi rica de valores pedagógicos.

Desde a preparação até a realização tudo foi feito pelas próprias alunas com a orientação da professora conselheira e do professor de português e a dedicada colaboração de ambos.

Encantadora foi a tarde de setembro passado, dedicada á grande escritora Julia Lopes de Almeida, patrona de um dos grêmios da Escola. Todo o plano foi elaborado pelas alunas sob a inteligente e carinhosa orientação do professor de português e da professora conselheira.

A realização excedeu a expectativa, deslumbrou a todos os presentes.

As alunas primaram pela atitude correta e distinta, pela delicadeza de maneira, enfim pelo seu desenvolvimento so-

cial e moral e pelo desenvolvimento intelectual patenteado pelo programa bem escolhido e melhor realizado.

Quasi todas as disciplinas estavam aí representadas.

A música, o português, a ginástica, através dos bailes, o desenho, os trabalhos manuais apareceram revelando o aproveitamento das alunas.

Uma reunião solene realizada á noite por esse pequeno gremio é mais uma confirmação do que se pôde conseguir pelo trabalho espontâneo bem organizado, nascido da solidariedade de ação, onde mestre e aluno trabalham em comum, buscando um mesmo objetivo.

Tudo foi preparado pelas educandas. A dramatização ensaiada por elas foi trabalho literário de uma das sócias do grêmio. O cenário imaginado por uma outra sócia, foi feito com a colaboração de quasi todas. Dizer de todo o valor educativo desta reunião seria tornar muito longo este trabalho.

As demonstrações do canto orfeônico no ano passado, quer na escola, quer na Igreja de São José por ocasião da semana santa, ou no fim do ano na missa de ação de graças; as festas realizadas pelo grêmio musical "Vila-Lobos" em benefício da Santa Casa, são outros valiosos atestados da eficiência dos trabalhos realizados pelas educandas sob a orientação firme e inteligente de mestres dedicados e carinhosos.

Tenho desejo de ressaltar aqui todo o trabalho que professores e alunas da Escola Normal vêm realizando com o apoio completo do Diretor, professor Firmino Costa, mas como o que se faz tem mais importância do que aquilo que se diz, deixo que os resultados que se vão colhendo provejam aquilo que as minhas palavras não seriam capazes de traduzir. Em todas as reuniões dos grêmios, organizados pelas alunas, vimos o professor agindo como orientador, como colaborador, guiando pacientemente as alunas nas suas iniciativas, dando-lhes responsabilidade, confiando nas suas possibilidades de educandas e estimulando suas idéias.

A socialização influido na disciplina

Creio ser esta uma das partes mais importantes da socialização.

A disciplina da escola tradicional, a disciplina imposta pelo mestre, a disciplina, que se alcança atuando de fora para dentro, á custa de prêmios ou castigos, nenhum valor educativo apresenta.

Ela não prepara a criança para a vida, antes aniquila o educando, fazendo desaparecer todas as energias existentes na alma infantil ou adolescente.

A disciplina interior, que forma caracteres fortes, que tem real valor educativo, que visa implantar no educando idéias elevadas e hábitos de pensamento e de conduta, é a que devemos querer por meio da socialização.

"O senso da dignidade, e da responsabilidade, o respeito á personalidade alheia, e ao bem comum, ás leis da comunidade e aos direitos dos colegas, o hábito de observação e comparação das qualidades e defeitos dos indivíduos e o da escolha conciente e relativamente segura das figuras representativas, tudo isso a disciplina em nossas escolas terá que incutir em nossos futuros cidadãos".

São palavras do nosso saudoso professor Mauricio Murgel. Dizer de seu valor e principalmente de seu valor como educar seria difícil. Sua personalidade dispensa elogios, é daquelas que se veneram no mais íntimo da alma, procurando imitá-la.

Sob sua orientação inteligente, iniciámos, há dois anos passados, o trabalho de socializar para disciplinar, apoiados integralmente pelo diretor da Escola, pela colaboração solícita, carinhosa e eficiente de todo o corpo docente e discente e de todos os que trabalham nesta escola.

Lentamente, dentro da alegria e do trabalho, dentro da liberdade conquistada num ambiente de harmonia, num ambiente onde professores, alunos e dirigentes trabalham irmanados num mesmo e nobre ideal, vamos conseguindo, dia a dia, pela socialização, a disciplina que dará aos educandos

e desenvolvimento de todas aquelas qualidades que formam o verdadeiro cidadão. Seria interessante narrar aqui o início e o evoluir do nosso trabalho, mas receio tornar muito longa a minha palestra.

Uma coisa, porém, quero deixar bem esclarecida: o trabalho de socialização da Escola Normal nasceu da necessidade coletiva, baseia-se no interesse geral e vive da colaboração.

A participação do aluno no governo da Escola tem dado resultados magníficos. As leis, o regulamento interno das classes são elaborados de acôrdo com as chefes de classe e alunas inspetoras.

São as chefes de classe e alunas inspetoras membros do "Conselho de Classe", instituição mais simples que o "Conselho de Estudante", e que tem prestado relevantes serviços à disciplina da Escola.

Cada turma além da professora conselheira tem uma aluna chefe, eleita pela turma, e 3 auxiliares: social, de ordem e avisos e zeladora, encarregadas da ordem da turma.

No 3.º ano normal há também as alunas inspetoras encarregadas da ordem dos corredores, pátios de recreio, etc.

Quinzenalmente todas essas alunas têm reunião com a socializadora, assistida pela vice-diretora, para tratarem de assuntos de ordem da escola e interesse geral.

Causa prazer ver o interesse e o amor que geralmente têm as alunas por esta casa de educação.

Diante dêsse progredir sempre contínuo das educandas que começam a viver na escola de hoje a vida feliz das crianças ou dos adolescentes, um sentimento renovador de entusiasmo e de confiança surge na alma do educador que, conhecendo o verdadeiro sentido da educação, procura canalizar tendências e aproveitar a energia moça e transbordante das alunas, orientado-as no caminho do "bem, da verdade e da vida".

A prática do ensino nas escolas normais

ESCOLA NORMAL-MODELO, DE
BELO-HORIZONTE

Súmula da matéria dada no mês de abril, na cadeira de Metodologia regida pela professora Luiza Valladares Ribeiro.

- 1.º ano — Turma Esmeralda.
 - a) Metodologia, noção e histórico. Sua classificação no quadro geral dos conhecimentos humanos. Ciências auxiliares.
 - b) Da educação em geral. Fins. Educação escolar. Socialização
 - c) Personalidade da criança. Sua mentalidade especial. Crescimento físico e psíquico.

*

A matéria foi dada pelo seguinte processo:

- 1.º) Predisposição por meio de problemas interessantes, relacionados às experiências das alunas.
- 2.º) Explicação.
- 3.º) Leitura e comentários de livros. Organização de bibliografias.
- 4.º) Solução de problemas mais difíceis, em discussão, em classe, com retificação e explicação dos pontos duvidosos.
- 5.º) Julgamento dos resultados obtidos. Provas. Correção. Construção de gráficos.

Conclusões :

- a) a adoção dêste processo deu bons resultados.
- b) o programa adotado é, na minha opinião, muito bom.

*

Resumo do trabalho realizado, no mês de abril, na cadeira de Prática Profissional, regida pela professora Luiza Valladares Ribeiro.

1. ano — (Turma Esmeralda)

- a) Apresentação das classes primárias. Processos de observação. Apreciação de 12 aulas assistidas. Discussão em aula e relatório a respeito. Conclusões.
- b) Palestras. Escolha do assunto, organização de planos para as mesmas e discussão a respeito. (Realizaram-se 7 palestras).

Resultados obtidos :

- 1.º) Grande interesse por parte das alunas.
- 2.º) Desenvolvimento do espírito de observação, crítica e julgamento.
- 3.º) Melhor compreensão dos conhecimentos adquiridos na aula de Metodologia.

ESCOLA NORMAL DE FORMIGA

Relação dos trabalhos de ciências Físicas e Naturais realizados pelas alunas do 1.º e do 2.º ano de adaptação e 1.º ano Normal, em 1933, sob a direção do professor da cadeira, Cortolano Pinto Ribeiro.

PRIMEIRO ANO DE ADAPTAÇÃO

Foram feitas, no decorrer deste ano, as seguintes experiências:

Demonstrar que a fricção, a percussão, as reações químicas, a eletricidade e o sol são fontes de calor.

Mostrar os efeitos do calor sobre os gases e os líquidos.

Evidenciar a presença do carbono e do anidrido carbônico na chama de uma vela.

Mostrar o desvio produzido na luz pela água.

Mostrar a mudança de estado da água.

Mostrar a produção de frio pela evaporação.

Mostrar a dilatação da água, na congelação.

Provar a pressão atmosférica.

Mostrar a força elástica da vapor d'água.

Mostrar porque o navio flutua sendo feito de aço, que é mais pesado do que a água.

Mostrar, com um ovo, a diferença de flutuação na água doce e salgada.

Mostrar, com um ludião improvisado, porque o submarino afunda e sobe a tona.

Mostrar, com a câmara escura a posição e a nitidez da imagem formada no anteparo.

Mostrar a fusão do gelo e a condensação do vapor d'água.

Mostrar como funcionam as bombas hidráulicas, o sifão e o termômetro.

Fabricação do sorvete.

Construção de um eletro-magneto.

Exercícios práticos

Foram feitos exercícios escritos sobre o iman, o navio, o submarino, os meios de transportes, as diferenças fundamentais entre animal e planta, a galinha, o pato e o pássaro, a mosca e a borboleta, a natureza do solo, a folha e a flor.

Desenho

As alunas fizeram os seguintes desenhos:

O navio, o submarino, a rosa dos ventos, a bússola, a borboleta, a mosca, a câmara escura, as bombas hidráulicas, o sifão, a chama de uma vela.

Coleções

As alunas fizeram coleção de flores, folhas, insetos e raízes.

Trabalhos manuais

As alunas fizeram os seguintes trabalhos manuais:

Construção de um navio, de submarino, de câmara escura, de bombas hidráulicas.

Excursões

No decorrer do ano letivo, as alunas realizaram 5 excursões, obedecendo às normas dadas pela Inspeção Geral da Instrução.

Foram realizadas nos seguintes dias:

28 de Abril.

1.º de Setembro (Relatório desta excursão).

29 de Abril (Relatório desta excursão).

22 de Outubro (Relatório desta excursão).

6 de Novembro.

SEGUNDO ANO DE ADAPTAÇÃO

Várias experiências foram realizadas afim de mostrar que o pêndulo oscila mais ou menos vezes por segundo conforme o barbante é mais curto ou mais longo; afim de mostrar, porque parece continua a série de retratos no cinema, afim de mostrar, com papel de tornesol na cinza, leite e no limão, como se distingue um ácido de uma base.

Experiências feitas com a alavanca, com o plano inclinado e com roldanas.

Comparação de sons tirados em uma corda frouxa e em outra esticada.

Várias experiências realizadas no laboratório de Ciências Físicas e Naturais, do Ginásio "Antônio-Vieira" no dia 22 de Agosto do corrente ano.

Exercícios práticos

Foram feitos os seguintes exercícios escritos:

O pêndulo, o som, máquina simples, exercício sobre cada ponto do programa (Trabalho em conjunto).

Leitura complementar

Foram lidos em aula diversos trechos dos seguintes livros: Os vegetais, sua vida e sua utilidade, de Souza Brito; História Natural para 3.ª série ginasial, de Melo Leitão; As Aves, Os Invertebrados, Os insetos, da Biblioteca do Povo; Revista Nacional de Educação. (números 3, 4 e 5).

Desenhos

Foram feitos os seguintes desenhos:

A terra com seus envoltórios (Pirofera, litosfera, hidrosfera e atmosfera).

Coleções

As alunas fizeram coleção de folhas, de flores, de raízes, de pedras, de insetos.

Trabalhos manuais

Foram feitos os seguintes trabalhos manuais:

Construção de um relógio de areia (ampulheta), construção de um gnomo ou relógio do sol, construção do pêndulo de Huyghens, a alavanca com suas aplicações (carrinho de mão, pinça, balança de Roberval, balança romana, quebra-nozes, tesoura,

abridor de lata), plano inclinado com suas aplicações (hélices, saca-ótila, pua, parafuso, papavento, faca, cunha), sonómetro, portavoz, corneta acústica, cinema, fósfels (com argila), terreno sedimentarío, com areia, argila, carvão, uiz) póço artesiano.

Excursões

Foram realizadas 6 excursões nos seguintes dias:

30 de Maio, 10 de Junho, 2 de Setembro (relatório desta excursão), 8 de Outubro (relatório desta excursão), 26 de Outubro (relatório desta excursão), 28 de Novembro.

Clube

Foi criado um clube de Ciências Naturais, tendo havido três sessões nas quais fizeram palestras sobre assunto científico as seguintes alunas:

Nice Rochael, Edith F. das Chagas, Albertina Silva, Laura Ribeiro, Neiza Rocha, Maria de Lourdes Rodrigues, Flora de Souza, Lidia Muinhos, do 1.º ano normal; Sebastiana Pereira, Aristotelina Soares, Diva Diogo de Souza, Maria da Conceição S. de Souza, Maria de Lourdes Soares, Liberaci A. Pereira, Maria Serafina R. Lima, do 2.º ano de adaptação.

PALAVRAS DE MESTRES

Diversos de nossos instintos atingem a sua plenitude num período determinado. Se, então, objetos adequados lhe são fornecidos, o espirito se apropria deles e adquire hábitos persistentes de conduta. Mas se o objeto não vem no momento oportuno, morre o impulso, e, consequência natural, — poderá ser difícil ensinar-se á criança as reações exigidas numa certa direção.

E' desnecessário dizer que o momento pedagógico para se implantar um hábito útil e fazê-lo entrar na economia do espirito é aquele em que o impulso nativo atinge a sua máxima potência. Fornecei, pois, ao vosso aluno, no momento que julgardes favorável, os meios de entregar-se ao desporto, ao cálculo, á poesia, á botânica ou ao desenho. Talvez seja rápido esse instante propício. Assim, enquanto êle passa, deixei tranquilas, em segundo plano, as outras ocupações da criança.

WILLIAM JAMES

Centro Latino-americano de Biblioteca

Com o nome de "Centro Latino-Americano e Biblioteca" o Conselho de Relações Inter-americanas acaba de instalar em 67 Broad Street, Nova-York, num amplo e modernissimo local, elegantemente mobiliado, e com todo o apetrechamento necessário, um centro ao qual poderá recorrer toda a pessoa interessada em ler livros ou adquirir quaisquer informações relativamente a qualquer pais da América.

O Centro convida especialmente os Ibero-americanos que se encontrem de passagem em Nova-York a fazer dêsse local o seu quartel general, por assim dizer, oferecendo-lhes para tal fim, gratuitamente, o uso dos seus bem dotados escritórios. E aos que residem em Nova-York e seus arredores foi-lhes enviado um convite geral para realizar ali as suas reuniões e assistir ás conferências que, de vez em quando, serão dadas no Centro sobre assuntos pan-americanos e sobre uma ou outra nação americana em particular.

O propósito dos fundadores é contribuir, na medida das suas forças e no terreno da prática, para o fomento da cordialidade que existe entre os povos dêsste continente; e, para tal fim, tratarão de tornar mais intensas as relações sociais e culturais entre êsses povos e dar impulso ao intercâmbio dos seus produtos.

Já antes de fundar o centro em questão, o Conselho de Relações Inter-americanas tinha estabelecido íntimo contacto com centenas de câmaras de comércio, do Rio Grante U. U. S. S., até á Tierra del Fuego, com o propósito de relacioná-las com análogos organismos e diversas associações de comerciantes e industriais dos Estados-Unidos.

Embora iniciada há pouco tempo, a biblioteca do Centro conta já com milhares de volumes, e está dotada de um excelente cavelete especial para a leitura de jornais hispano-americanos.

O ensino primário em S. Paulo

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministério da Educação e Saúde Pública).

O Estado de São Paulo figura na vanguarda das unidades da federação brasileira que mais carinhosamente têm cuidado da educação do povo. Foi, além disso, o pioneiro da renovação dos nossos métodos de ensino e o centro de irradiação do movimento progressista a que tem sido feita alusão nestes comunicados, constituindo também o viveiro de técnicos a que recorreram outros Estados para reformar os seus sistemas didáticos e de que se valeu também o governo federal quando intentou remodelar o ensino de aprendizes marinhoiros, confiando o magistério das respectivas escolas a professores selecionados pelo seu tirocinio e aptidão. Os serviços educacionais de São Paulo têm passado por sucessivas reformas entre as quais ocorre citar: a que baixou com o decreto n. 4.600, de 30 de Maio de 1929; a do decreto n. 4.795, de 17 de Dezembro de 1930, que reorganizou a Diretoria Geral da Instrução Pública, dando-lhe a denominação de Diretoria Geral do Ensino; o decreto n. 4.917, de 3 de Março do ano seguinte, que transformou a Secretaria de Estado dos Negócios do Interior em Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública; o decreto n. 5.335, de 7 de Janeiro de 1932, que reorganizou a instrução pública; o decreto n. 5.475, de 14 de Abril de 1932, que regulamentou a Delegacia Geral do Ensino Privado, criada pelo decreto n. 5.333. Numerosos outros dispositivos de caráter mais restrito, versando sobre aspetos particularizados do problema educacional, aperfeiçoaram, paulatinamente, os estatutos gerais, tornando a legislação paulista uma das mais ricas, adiantadas e compreensivas de toda a federação, e isso porque, embora modificados os regulamentos que se sucedem, refletindo o pen-

samento dos mais acatados expoentes da nossa cultura pedagógica, não se registram recuos, ficando sempre, de cada nova remodelação, alguma parcela do que há nelas de melhor. Vimos, assim, sob administrações diversas atendido o problema fundamental da estatística escolar, assegurado o controle efetivo do ensino particular, melhorados em bases equitativas os salários do professorado e reconhecidos em sua plenitude a relevância do ensino rural e o especial alcance dos serviços do magistério respectivo, na forma de justas compensações oferecidas aos docentes.

A multiplicidade dos dispositivos vigentes impunha a necessidade de sua integração num estatuto geral, completo e sistematizado, que os coordenasse e aperfeiçoasse, imprimindo a precisa unidade à obra fragmentária representada pelos contingentes úteis com que cada educador assinalou a sua brilhante passagem pela administração, cooperando com seu esforço criador para acentuar o dinamismo que caracteriza a elaboração legislativa do Estado como todas as atividades que lhe definem o progresso.

O decreto n. 5.884, de 21 de Abril do corrente ano, instituindo o Código de Educação, veio ao encontro das aspirações gerais de quantos se interessam pela causa do ensino no Brasil, facilitando uma idéia de conjunto sobre o estado atual do monumento educativo para cuja construção concorreram tantos espíritos esclarecidos, empenhados, com igual sinceridade, embora partindo de pontos de vista nem sempre coincidentes, em bem servir o país.

Segundo o artigo 1.º do Código, a instrução pública no Estado de São Paulo compreende: a) a educação pre-primária, ministrada nas escolas maternas, em cursos de 2 anos, às crianças de 2 a 4 anos, e, nos jardins de infância, em cursos de 3 anos, às crianças de 4 a 7; b) a educação primária ministrada às crianças de mais de 7 anos, nas escolas isoladas em cursos de 3 anos, e nos grupos escolares em cursos de 4 anos; c) a educação pre-vocacional, ministrada no Curso Prevocacional que é o 5.º ano do grupo escolar; d) a educação técnico profissional primária e secundária; e) a educação secundária; f) a educação secundária complemen-

lar pre-pedagógica; g) a educação pedagógica de grau secundário; h) a educação pedagógica de grau superior; i) a educação profissional de grau superior; j) a educação especializada para crianças ou adolescentes que dela necessitem por suas condições peculiares, ministrada nas escolas para débeis físicos, para débeis mentais, nas escolas de segregação para doentes contagiosos, nas escolas anexas aos hospitais, nas colônias escolares, nas escolas para cegos, nas escolas para surdos-mudos, nas escolas ortofônicas, nas escolas de educação emendativa para delinqüentes.

A direção, orientação e fiscalização das instituições escolares do grau primário e secundário, bem como do Instituto de Educação, competem diretamente ao Departamento de Educação, subordinado à Secretaria da Educação e Saúde Pública.

O Departamento de Educação é órgão técnico e executivo, servido de um Conselho de Educação, órgão social, constituído de representantes das classes sociais mais diretamente interessadas na organização e desenvolvimento do sistema educacional do Estado.

O Diretor Geral do Departamento é nomeado por 6 anos, em comissão, pelo Governo, entre brasileiros natos que se tenham distinguido de maneira notável por sua competência e seus serviços em matéria de educação e hajam sido indicados, por eleição, numa lista de três nomes, pelo Conselho de Educação do Estado.

Os serviços do Departamento abrangem uma parte técnica e outra administrativa, constando esta de um Secretário Geral, uma Sub-secretaria e 4 secções (Protocolo e Arquivo, Pessoal, Estatística e Contabilidade) e aquela de 18 chefes de Serviço, assim distribuídos segundo as respectivas atribuições: Prédios e Instalações, Educação Infantil, Ensino Secundário Geral e Profissional, Extensão Cultural e Escolas de Continuação para Adultos, Higiene e Educação Sanitária Escolar, Educação Física (4), Música e Canto Coral, Classificação e Promoção de Alunos, Programas e Livros Escolares, Bibliotecas e Museus Escolares ou Post-Escolares, Orientação e Fiscalização do Ensino Particular, Publicidade

e Informações, Intercâmbio Interstadual e Internacional. Com exceção do Chefe do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar, que será um médico higienista, os demais serão escolhidos entre professores que, tendo mais de 10 anos de exercício no magistério público, tenham revelado notável competência na especialidade do serviço a lhe ser confiado.

O Conselho de Educação compor-se-á de 3 representantes das classes liberais, de 2 representantes das associações femininas, de 2 das classes operárias, de 1 representante dos empregados no comércio e de 1 representante de cada uma das atividades — indústria, comércio, agricultura e jornalismo.

O ensino pre-primário, como já foi assinalado, será ministrado nas escolas maternas e nos jardins de infância, que funcionarão segundo os programas correntes nessas espécies de estabelecimentos. As primeiras funcionarão em prédios adrede construídos, devendo servir de campo de pesquisa e experimentação para o Serviço de Psicologia Aplicada do Instituto de Educação e para os estudos e investigações do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar. Anexos a cada grupo dessas escolas, haverá cursos de puericultura, higiene pre-concepcional e higiene pre-natal.

Os jardins de infância, com o curso de 3 anos, funcionarão junto aos grupos escolares e às escolas primárias anexas ao Instituto de Educação e às Escolas Normais do Estado. Funcionam em dois turnos das 8,30 às 12 horas e das 13 às 16.1/2 horas, com o mesmo regime de férias das escolas primárias. Cada jardim de infância terá 8 classes, distribuídas pelos 3 graus do curso, não excedendo de 30 o número de alunos de cada classe.

O ensino primário é gratuito, obrigatório para as crianças de 8 a 14 anos, excetuadas as que residirem a mais de 2 quilômetros da escola pública, ou quando na escola não houver vaga, as que sofrerem de incapacidade física ou mental, ou de moléstia contagiosa ou repugnante, as que forem indigentes e não se lhes possa oferecer assistência escolar, as que aprenderem em casa ou em escola particular.

A escola primária é de espírito acentuadamente brasileiro e baseada no regime de vida social e de trabalho em cooperação, que tem por objetivo: servir às necessidades peculiares do meio imediato e do grupo social a que pertence a criança e no qual se deve integrar; dar-lhe satisfação às tendências, desenvolver o sentimento de responsabilidade individual e de trabalho, de solidariedade e de cooperação; proporcionar-lhe educação integral em que predomine, sobre a aquisição de conhecimentos de pura memória, a formação intelectual, moral e cívica; criar ambiente sadio em torno do educando, conduzindo-o, pela educação física racional e pela formação de hábitos higiênicos, à plenitude do seu desenvolvimento corporal; contribuir para que se descubram as aptidões naturais da criança, orientando-a segundo a sua vocação; favorecer não somente os bem dotados, mas ainda os débeis e os anormais.

As escolas públicas primárias se distribuem em 4 tipos: escolas isoladas, grupos escolares, cursos populares noturnos e escolas experimentais. As escolas isoladas serão masculinas, femininas e mistas, devendo as primeiras serem regidas por professores e as das duas últimas categorias por professoras, sendo todas designadas numericamente em cada município. Serão instituídas onde, numa área de 2 quilômetros de raio, existirem pelo menos 40 crianças em condições de matrícula. As aulas iniciam-se normalmente às 11 horas, durando 4 horas o dia escolar, com 30 minutos para recreio.

"Na medida das possibilidades econômicas do Estado e das facilidades oferecidas pelos municípios ou pelos particulares, as escolas existentes na zona rural e as que se vierem a criar", prescreve o Código, "irão tendo instalação que as torne mais adequadas a seus fins e que, ao mesmo tempo, favoreça a estabilidade do professor, pelas condições materiais e morais de conforto". As escolas isoladas da zona rural tomarão gradualmente o tipo de granja escolar, dispondo de uma área cultivável de, pelo menos 3 hectares; tendo edifício com salas de aula e os aposentos necessários à residência do professor. Onde quer que haja, em área de 2 quilômetros de raio, 200 crianças necessitadas de escola,

será criado um grupo escolar. Os grupos escolares, que terão, no mínimo, 4 classes, classificam-se segundo o número destas, sendo de 1.ª categoria os de 40 ou mais, de 2.ª os de 20 a 39, de 3.ª os de 8 a 19 e de 4.ª os de 4 a 7. E' de 5 horas o dia de trabalho do professor nos grupos escolares de um só período e de 4 nos grupos desdobrados e trespobrados. O horário das aulas será organizado pelo professor e submetido à aprovação do diretor.

O curso pre-vocacional destina-se aos alunos que, tendo concluído o 4.º ano dos grupos escolares, com a idade máxima de 14 anos, desejam seguir profissão industrial, comercial, ou agrícola. Será mantido um curso com essa feição (5.º ano) para cada conjunto de 5 grupos escolares ou 50 classes no mínimo, devendo funcionar anexo a um desses grupos. O curso pre-vocacional, de um ano, tem por finalidade *informar* os alunos a respeito das profissões do meio local, oferecer-lhes oportunidade para o conhecimento prático do *trabalho* profissional, *orientá-los* na escolha de um ramo de atividade e *guiá-los* para aprendizagem adequada.

Os cursos populares noturnos têm por fim ministrar a educação primária elementar a adultos, homens e mulheres. Abrangem um período de 2 anos, dos quais o primeiro destinado à alfabetização e à iniciação nas técnicas elementares de cálculo e o segundo ao ensino de linguagem, geografia e história do Brasil e ciências físicas e naturais. Funcionam nos grupos escolares, diariamente, de 19 às 21 horas, com classes de 30 a 40 alunos, e serão masculinos e femininos, os primeiros regidos por professores e os últimos por professoras.

As escolas experimentais terão em vista atender ao espírito inovador e à aplicação de processos originais, dando aos professores uma certa liberdade de iniciativa, o que se justifica pela natureza do problema educacional e o regime de permanente transformação em que se encontra a sociedade em nossos dias.

Estabelecidas as linhas gerais que presidem à organização do ensino primário em São Paulo, resta aludir ao ano

letivo, que se inicia em 1.º de Fevereiro e encerra-se a 30 de Novembro e no qual se intercalam as férias de Junho que compreendem a segunda quinzena desse mês. Os feriados são os dias de festa nacional, segunda e terça de Carnaval, quinta, sexta e sábado da semana santa. A matrícula é feita de 26 a 30 de Janeiro.

Para os fins da administração, o Código prescreve, em princípio, a divisão do Estado em 21 regiões escolares, confiadas a delegados diretamente subordinados ao Diretor Geral do Departamento de Educação e escolhidos dentre os inspetores escolares com mais de 400 dias de exercício no cargo. Para os serviços de fiscalização admite um quadro de 84 inspetores, dos quais 12 para a Capital, 12 para a chefia das missões técnicas e culturais e 60 para o interior, distribuídos pelas delegacias, conforme as necessidades do serviço.

Nos municípios onde houver escolas isoladas, o delegado regional designará um auxiliar de inspecção, escolhido entre os diretores de grupo da localidade, ou na falta destes, entre os professores das escolas isoladas.

O ensino primário particular é livre, estando, porém, como o pre-primário e o de outros graus, sujeito ao registro prévio no Serviço de Orientação e Fiscalização do Ensino Particular, do Departamento de Educação. O Código submete a concessão do registro a várias exigências destinadas a assegurar o conforto e a higiene das instalações, a competência e a idoneidade dos professores e a adequação do ensino primário à finalidade consagrada na lei.

O ensino será ministrado em português, salvo o de línguas estrangeiras, e deverão ser brasileiros ou portugueses natos, ou brasileiros naturalizados diplomados por escolas oficiais do país ou a elas equiparadas, os professores de língua portuguesa. Essa disciplina será ensinada em número de aulas que determinar aquele Serviço, o mesmo sucedendo em relação ao ensino de Geografia e de História do Brasil, que terá por docentes professores brasileiros natos ou naturalizados, estes diplomados por escolas brasileiras oficiais ou equiparadas.

No ano de 1931 a despesa geral do Estado de São Paulo elevou-se, no orçamento, a 503.842 contos, dos quais 81.808 contos especialmente atribuídos à instrução pública.

Em 1932 fixou-se a despesa geral do Estado em 450.994 contos para a qual concorreram os serviços educacionais com 82.537 contos, incluída a instrução primária neste último contingente com 58.309 contos.

A vista desses totais, extraídos da publicação "Finanças dos Estados do Brasil", da Comissão de Estudos Econômicos e Financeiros dos Estados e Municípios, conclue-se que São Paulo reservou às despesas com a instrução mais de 16% de sua previsão orçamentária para o primeiro dos exercícios, citados, porcentagem que se elevou a mais de 18% no exercício seguinte. A despesa fixada com o ensino primário representou, nesse exercício, cerca de 12% da despesa geral orçada para o Estado e mais 70 1/2% da despesa com a instrução.

Os dados estatísticos quanto ao movimento escolar de 1931, são os seguintes:

Escolas — 4.946 (3.204 estaduais, 308 municipais e 1.434 particulares), das quais 1.193 masculinas, 344 femininas e 3.409 mistas.

Professores — 14.544 (8.387 no ensino estadual, 567 no ensino municipal e 5.590 no ensino particular), sendo do sexo masculino 5.689 e do sexo feminino 8.855.

Número de alunos matriculados — 500.560 (365.525 no ensino estadual, 19.190 no ensino municipal e 115.845 no ensino particular). Pertenciam ao sexo masculino 241.346 e ao sexo feminino 204.460.

Número de alunos freqüentes — 445.806 (326.163 no ensino estadual, 16.141 no ensino municipal e 103.502 no ensino particular). Pertenciam ao sexo masculino 231.346 e ao sexo feminino 204.460.

Conclusões de curso — 31.394 (18.035 no ensino estadual, 1.226 no ensino municipal e 12.133 no ensino particular). Concorreram para êsse total: 16.234 alunos do sexo masculino e 15.160 do sexo feminino.

O ensino primário no Acre

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública).

O problema do ensino primário no Território do Acre reveste-se de um caráter todo especial, à vista das condições *sui-generis* em que se encontra aquela região, mórmente no que respecta às dificuldades de transporte e ao regime econômico e demográfico.

Na exposição de motivos com que justificou, em 1920, o projeto de reforma da administração acreana, promulgada pelo decreto n.º 14.383, de 1 de Outubro daquele ano, o Ministro Alfredo Pinto declarou textualmente: "O Acre não possui instrução, não tem higiene pública nem meios de comunicação; não conhece os benefícios da cultura agrícola moderna; vive uma existência vegetativa, sofrendo a falta de comunicações postais e se debate, há longos anos, em uma impressionante crise econômica". Atribuindo os males apontados à falência da organização administrativa que até então vigorara, lembrava o ministro que, no quadriênio 1910-1914, a dotação orçamentária para cada um dos Departamentos do Território se elevava a 600:000\$000 "sem que daí surtisse o menor proveito para o Acre".

Partindo do pressuposto de que o atraso verificado no desenvolvimento do Território resultava da falta de um órgão que coordenasse as atividades administrativas das antigas Prefeituras, sujeitando-as a um controle superior que as tornasse menos dispersivas, a reforma de 1920 criou o cargo de Governador (artigo 3.º) e erigiu em Capital da nova entidade da República a cidade de Rio-Branco. Contra essa unificação do governo em mãos de um só delegado da União alegava-se o embaraço resultante da distância entre os

departamentos, citando-se o caso do Juruaú cujas comunicações com a atual Capital do Território são feitas pelo Estado do Amazonas. O argumento, porém, não pareceu suficiente por não serem poucos os exemplos de municípios que, pertencentes a determinados Estados, são acessíveis por outros, como o de Santo-Antônio do Madeira, de Mato-Grosso, o de Teófilo-Otoni, de Minas, etc., etc.

A centralização promovida pela reforma de 1920 resultou, sem dúvida, em benefício para os serviços territoriais, e dentre estes, sobretudo para os referentes à instrução pública. Dos progressos verificados sugere uma expressiva idéia o relatório do diretor de Instrução dr. Pedro Mattos apresentado, em 1929, ao Governador Hugo Carneiro. Aquelle distinto especialista consigna no documento citado, a abertura de novas escolas e a adaptação de algumas pre-existentes à prestação real dos serviços a que se destinavam. "Pelo que tenho verificado, observava o dr. Pedro Mattos, "é muito satisfatório, quanto à alfabetização, o lugar em que se encontra o Acre, entre os Estados da União". "É elevado o número de crianças que freqüentam as escolas e, em comparação com a população geral do território, elle apresenta uma percentagem bastante animadora".

Aludindo à localização das escolas nos seringais e à dificuldades de resolver esse problema em moldes que conciliassem as despesas de custeio do ensino com a intensidade da freqüência, acentua o relatório citado a circunstância de não se concentrar a população infantil exclusivamente nos barracões sedes das empresas extrativas, mas de se dispersar, ao contrário, pelas palhoças situadas nos "varadouros", separadas umas das outras por distâncias de 4 a 8 horas, a passo de adulto, o que embaraça as viagens de ida e volta, mormente na época invernosna em que os "varadouros" se transformam em lamaçais.

"Para solução do problema, alvitrava o Diretor da Instrução Pública, Estatística e Biblioteca "talvez fosse possível lembrar a criação de internatos". Estes resolveriam em parte o caso e trariam ótimos resultados".

"Poderiam ser localizados nas sedes dos municípios. Para ali seriam levadas todas as crianças filhas de seringueiros ou de outro qualquer empregado dos seringais que, afastando-se da vida rude e penosa que passam no seu interior, sem conforto, desconhecendo os benefícios da higiene e definhando aos poucos, ficariam ao abrigo de qualquer perversão, encontrando no educandário o alimento material e intelectual".

Após o curto espaço de três ou quatro anos, quando essas crianças saíssem do internato, estariam preparadas para, na própria casa dos seus progenitores, transformar a vida, dando-lhes mais conforto e evitando, talvez, muitas das moléstias que atacam àqueles que ali ficam longe dos agrupamentos humanos onde não têm socorro para qualquer eventualidade".

"Caso ainda estes grandes internatos não comportassem as crianças que naturalmente para eles seriam encaminhadas, poder-se-iam criar outros, de menor capacidade, reunindo em um seringal as crianças dos dois ou três mais próximos, concorrendo até os proprietários destes com uma pequena contribuição que diminuísse em parte as despesas do governo".

Lamentava o diretor da instrução no seu interessante relatório que a falta de verba impedisse a realização desse plano cujos efeitos, se viesse a ser executado, melhor se pode aquilatar considerando que os internatos propostos não se limitariam a prover à instrução primária, mas ministrariam também a profissional técnica, conhecimentos de agricultura e pecuária e outros de igual alcance na vida prática.

O ensino primário no Território do Acre rege-se pelo regulamento de 31 de Maio de 1930. E' em princípio obrigatório para os jovens de 8 a 15 anos de idade, por força do artigo 36, n. 19, do decreto n. 14.383, de 1 de Outubro de 1920 e ministrado em grupos escolares e em escolas singulares.

Os estabelecimentos de ensino funcionam das 7 e meia horas às 11 e meia, havendo turnos à tarde para o ensino

profissional (14 1/2 às 16 1/2 horas). Admitem-se alunos de 7 a 12 anos nas escolas singulares e até 18 anos nas profissionais.

As escolas isoladas funcionam com uma só classe, sem número prefixado de alunos, havendo algumas cuja matrícula atinge a 80 discentes. Todas as escolas diurnas são mistas. Nas escolas urbanas e suburbanas existe o serviço de inspecção médico-sanitária e odontológica.

Segundo o regulamento de instrução, será dada preferência para admissão ao professorado aos candidatos diplomados e, na falta destes, a pessoas de reconhecida competência.

A estatística do movimento escolar relativa ao ano de 1931 menciona os algarismos seguintes:

Escolas — 79 (34 estaduais, 35 municipais e 10 particulares), das quais masculinas — 7, femininas 6 e mistas 66.

Corpo docente — 127 (63 no ensino estadual, 45 no municipal e 19 no particular), pertencendo 29 ao sexo masculino, e 98 ao sexo feminino.

Alunos matriculados — 3.772 (1.944 ensino estadual, 1.581 no ensino municipal e 247 no ensino particular), cabendo ao sexo masculino 1.864 e ao sexo feminino 1.908.

Alunos freqüentes — 2.611 (1.365 no ensino estadual, 1.050 no ensino municipal e 196 no ensino particular), representado o sexo masculino por 1.287 e o feminino por 1.324.

Conclusões de curso — 52 (45 no ensino estadual e 7 no ensino municipal), contribuindo o sexo masculino com 17, e o sexo feminino, com 35.

PALAVARS DE MESTRES

Vemos que a iniciativa, o espirito critico, a pratica do auxilio mútuo se exercitam em nosso método. As crianças aprendem a obedecer e a mandar, aprendendo, sobretudo, a respeitar a instituição das leis.

MARTHE NEMES

TRABALHOS MANUAIS ESCOLARES

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda este livro do professor Manoel Penna, com cerca de 200 páginas grandemente ilustradas com 402 gravuras, muitas das quais coloridas.

Nesta obra que trata especialmente da metodologia dos trabalhos manuais educativos, de acordo com os modernos processos da escola ativa, os senhores professores encontrarão uma orientação para as atividades manuais em papel: dobramento, recorte e tecidos; cartoneagem; modelagem em argila; trabalhos em madeira tudo associado ao ensino das diversas matérias do programa do curso primário.

"Trabalhos Manuais Escolares" do professor Manoel Penna, compendio que está sendo tão procurado, encontra-se em todas as livrarias da Capital.

Preço 158000. Pelo Correio mais 8600.

Endereço — Lélia de A. Penna, Avenida Christovam Colombo, 308. — Belo-Horizonte.

TABELA DE ANÚNCIOS:

Na capa (lado externo),	1 página.....	1008000
" " " " "	1/2 "	608000
" " " " "	1/4 "	358000
" " (lado interno),	1 "	808000
" " " " "	1/2 "	508000
" " " " "	1/4 "	308000
Em páginas-suplemento,	1 "	608000
" " " " "	1/2 "	408000
" " " " "	1/4 "	258000

Para publicação mais de uma vez, os anúncios terão desconto de 20, 30 e 40 %.

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, pagarão preços especiais previamente combinados.

A tabela acima poderá ser alterada no segundo semestre deste ano.

Se se aceitam anúncios que tenham interesse para o ensino ou para os professores.

Citysm.

Preço: _____

Doação

ESCRITORIO DE PROCURATORIOS

DE

Aggáua Paulo Guilherme e Afonso Ferreira Paulino

brasileiros, casados, residentes na Capital

ANEXO À CASA BANCÁRIA Dr. Antonio Ferreira Paulino

Extração de títulos. Remoções. Licenças. Férias especiais, Certidões. Aposentadorias. Adicionais sobre vencimentos. Gratificações regulamentares. Material escolar. Matrícula na Escola de Aperfeiçoamento. Diárias. Previdência dos Servidores do Estado, a saber: inscrição na Sociedade; resgate e adeantamento, sem juro, de empréstimos da mesma

Quaisquer serviços perante as repartições públicas

Rua Rio Grande do Norte, n. 641 — Tel. 3.030

CAPITAL

Henrique Basilio de Oliveira

— PROCURADOR DE PARTES —

Rua da Baía, 637 — Belo-Horizonte

(Referências: — é proprietário; é universitário de direito; reside há mais de 10 anos em Belo-Horizonte)

Serviços exclusivamente junto às repartições públicas